

MARIANA CRISTINA MORAES DA CUNHA

O papel social transformador da juventude:  
A análise dos núcleos de sentidos de um jovem operador  
de telemarketing

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA

SÃO PAULO

2008

MARIANA CRISTINA MORAES DA CUNHA

O papel social transformador da juventude:  
A análise dos núcleos de sentidos de um jovem operador  
de telemarketing

Trabalho de conclusão de curso como exigência  
parcial para a graduação no curso de Psicologia,  
sob orientação do Prof. Dr. Sergio Ozella

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA

SÃO PAULO

2008

## AGRADECIMENTOS

Aos **meus pais** Marcos Antonio da Cunha e Teresa Cristina Lara de Moraes da Cunha, por sempre me lembrarem que estão por perto e que posso contar com eles.

Ao **meu irmão**, Vinicius Moraes da Cunha, que não só lembra, mas está sempre por perto.

Ao meu **grande amigo**, Marcus Kollbrunner que às vezes prefere que eu não esteja por perto.

Ao meu **amor**, Luciano Barboza, que não está perto (porque mora no RJ), mas me prova todos os dias que esta distância não nos separa.

Aos **jovens, velhos, mulheres, homens e todos** aqueles que não desistem nunca de lutar contra a verdadeira distância que separa as pessoas, as classes sociais.

Obrigada a todos (as)!!!

“E na hora que a televisão brasileira  
Destrói toda a gente com a sua novela  
É que o Zé bota a boca no mundo  
E faz um discurso profundo  
Ele quer ver o bem da favela  
Esta nascendo um novo líder,  
No morro do Pau da Bandeira”  
***Zé do Carço, Leci Brandão***

“Eu acredito é na rapaziada  
Que segue em frente e segura o rojão  
Eu ponho fé é na fé da moçada  
Que não foge da fera e enfrenta o leão  
Eu vou à luta com essa juventude  
Que não corre da raia a troco de nada  
Eu vou no bloco dessa mocidade  
Que não tá na saudade e constrói  
A manhã desejada”  
***E vamos á luta, Gonzaguinha***

Área de Conhecimento: 7.07.05.00-3 - Psicologia Social

Título: *O papel social transformador da juventude: A análise dos núcleos de sentidos de um jovem operador de telemarketing*<sup>1</sup>

Nome do orientando: Mariana Cristina M. da Cunha

Nome do orientador: Prof. Dr. Sergio Ozella

Palavras-chave: Juventude, Trabalho, Atuação social, Psicologia Sócio-Histórica

## RESUMO

A juventude ao longo da história teve participação nas lutas que geraram transformações e conquistas para a população. No entanto, os jovens, que são sujeitos únicos e sociais, são constituídos a partir da ação na realidade, na qual se desenvolve na medida, em que transforma e constitui a sociedade. A juventude não é passiva aos processos sociais, mas responde a eles de diferentes maneiras, refletindo o momento e local históricos.

Na medida em que grandes transformações se deram na economia e no modo de produção do Brasil, ocorreram manifestações e organizações dos trabalhadores, respondendo as contradições nos interesses de classe. Assim, momentos de luta e de refluxo das mesmas se alternaram na nossa história. Hoje vivemos uma reorganização produtiva, na qual bandeiras de lutas dos trabalhadores são usadas como forma de aumentar a exploração e alienação disfarçadamente.

O presente trabalho teve como objetivo estudar como a juventude trabalhadora brasileira se vê transformadora da sociedade. Visando complementar e aprofundar a teoria existente sobre este assunto, trabalhamos com um sujeito, de 24 anos que trabalha em uma empresa de telemarketing. Utilizamos-nos da Psicologia sócio-histórica e através da apropriação da fala do sujeito e da análise de seus núcleos de sentido, podemos compreender o sentido que este possui de formas de luta e contestação.

Observamos no discurso do sujeito estudado que mesmo existindo uma crítica às desigualdades do sistema, ele não faz nada para alterá-lo. Mostrando uma contradição entre sua fala e sua ação.

---

<sup>1</sup> Projeto aprovado pela Comissão de ética da PUC-SP. Protocolo 067/2008

## SUMÁRIO

Introdução -----	1
Capítulo 1. O mundo do trabalho e o jovem -----	3
I.1. O trabalho transformador -----	3
I. 2. A transformação do trabalho no Brasil-----	5
II.1. Juventude: construção do sujeito e papel social do jovem-----	7
II. 2. Jovem Trabalhador -----	13
Capítulo 2. História: a memória coletiva do povo-----	17
I.1. Transformações sócio - políticas no Brasil -----	17
I. 2. Vargas- derrota do sindicalismo e dos trabalhadores -----	18
I. 3. Luta contra a ditadura- anos 1960 -----	19
I. 4. Em busca da democracia -----	20
I. 5. Outras formas de contestação -----	22
II.1. A juventude deixa sua marca na história -----	22
II. 2. Participação dos jovens -----	25
Capítulo 3. Psicologia Sócio-Histórica -----	28
I. Concepção de homem e pressupostos teórico-metodológicos -----	28
II. 1. Procedimentos metodológicos -----	33
II. 2. Análise através dos núcleos de significação -----	34
Capítulo 4. Pensamento crítico e ação conformista: a contradição do discurso-----	38
Considerações Finais -----	54
Referências Bibliográficas -----	56
Anexos -----	60
- Termo de consentimento	
- Entrevista	

## INTRODUÇÃO

Pensar a juventude não é algo novo e inédito, mas não deixa de ser intrigante e revelador. Vivemos constantes transformações sociais e econômicas, com uma velocidade rápida. A juventude é a cobaia deste período, que nasce e se desenvolve submetida a novas e mutantes realidades, outros valores, tendo que criar diferentes formas de se relacionar e sobreviver (COSTA, 2004). Este sujeito que é social e singular, se constituirá mediante estas transformações sociais, refletindo o momento e local histórico. Na medida em que se transforma, o jovem transforma também a sociedade onde atua e vive (VIGOTSKY, 1988).

Em diferentes períodos históricos podemos observar o "dedo" da juventude nos momentos em que o povo saiu as ruas para reivindicar seus direitos, como nas "Diretas Já", "Caras Pintadas", o movimento político da década de 1960, entre outros. No entanto, o movimento estudantil não é o único responsável por tais iniciativas, o jovem trabalhador também participou, em menor escala, no Movimento Operário e Sindical (POENER, 2004).

O crescimento da indústria, principalmente nas décadas de 1930, 1960 e final de 1970, exigiu o aumento significativo da mão de obra. O que desencadeou no surgimento de uma nova geração de trabalhadores, aumentando a população economicamente ativa, incluindo os desempregados e aqueles que não tinham obtido o primeiro emprego. Este trabalhadores foram responsáveis por muitas vitórias e conquistas de direitos trabalhistas, como afirma ANTUNES (1981).

Em períodos de maior intensidade de lutas diretas, em que o povo foi as ruas, as novas gerações tinham, e têm, maior possibilidade de se lançarem a frente, aprendendo com os erros das gerações anteriores e propondo novas formas de luta (TROTSKY, 2007). Desta forma, tivemos ciclos de lutas mais coletivas, intercalados por refluxos, em que diferentes ferramentas de luta, organizações sindicais, foram criadas para responderem à necessidade do momento histórico, como a CGT (Comando Geral dos Trabalhadores), em 1962 e a CUT (Central Única dos Trabalhadores), em 1982 (ALMEIDA, 2007).

O mercado de trabalho hoje possui características bastante diferenciadas de períodos anteriores, marcada principalmente pelo avanço das terceirizações, a diminuição de funcionários por local de trabalho, o aumento e diversificação de funções, que ampliaram e mesclaram as categorias existentes, entre outras. A economia do país e as demandas do mercado, também, passaram por mudanças, como afirma BERNARDO (2006).

No Capítulo 1 deste trabalho, estudaremos a importância do trabalho na vida dos

sujeitos, como disparador do processo de desenvolvimento de potências e de criatividade. Mas também, o trabalho como alienante, sendo este último predominante entre as categorias em que os jovens estão inseridos.

Sendo o homem um ser socialmente construído, VIGOTSKY (2007), que se transforma e se desenvolve na relação com o outro, em um dado período e local históricos, tais transformações dão origem a uma nova geração de trabalhadores, que demandam novas ferramentas de luta. Reflexo disto é a construção da Conlutas (Coordenação Nacional de Lutas), em 2003.

Não podemos dizer que estamos iniciando um novo período de lutas, como ocorrido em 60 e no começo de 80. Mas, percebemos uma rearticulação sindical e da esquerda. Também, não temos a pretensão neste trabalho de estudarmos profundamente a história da esquerda no Brasil e o processo de reorganização da mesma, que ocorre neste momento. No entanto, achamos importante para discutirmos a consciência dos jovens e como estes se percebem enquanto transformadores da realidade (ou não), considerar a contribuição de alguns autores sobre os processos de luta e as formas de atuação da juventude no Brasil em períodos anteriores, o que faremos no Capítulo 2. Entendemos que o momento histórico que vivemos é um reflexo das relações sócio-econômicas-produtivas que foram estabelecidas ao longo do processo histórico de desenvolvimento da sociedade.

Pretendemos estudar, no presente trabalho, como o jovem percebe o potencial de transformação que possui, através da teoria sócio histórica, analisando os núcleos de sentido. Partiremos em busca dos motivos que conduzem a ação do sujeito, a qual é sempre emocionada, guiada por afetos e sentimentos. O que nos levará a compreender o processo de formação da subjetividade do sujeito estudado aqui e o sentido de suas ações políticas (AGUIAR e OZELLA, 2006). A teoria e a metodologia utilizadas e desenvolvidas pela psicologia sócio-histórica, serão abordadas no Capítulo 3.

## CAPÍTULO 1. O MUNDO DO TRABALHO E O JOVEM

### I.1. O trabalho transformador

A constituição do sujeito humano se dá a partir da relação com o outro. É só através da socialização e da cultura que o sujeito pode desenvolver *atividades* e assim estruturar o movimento de seu psiquismo. A história da humanidade é fruto das atividades humanas. Assim, partimos do pressuposto de que não é a consciência que vai formar o homem e a sociedade, mas sim a ação do homem no mundo, que dará vida a consciência, a partir da qual se constituirão as formações subjetivas, que passarão a operar (VIGOTSKY, 2007).

O homem, neste ponto de vista, não é controlado ou determinado pelo biológico, mas sim, pelas leis sócio históricas. Desta forma, as transformações ocorridas na sociedade são refletidas no sujeito. A personalidade deste está atrelada às configurações e relações sociais, que irá determinar a estrutura das atividades do sujeito, como dizia VIGOTSKY (2007),

Tal qual um indivíduo só existe como um ser social - como um membro de algum grupo social, em cujo contexto ele segue o percurso do desenvolvimento histórico-, a composição de sua personalidade e a estrutura de seu comportamento acaba por se constituir em uma variável dependente da evolução social, cujos principais aspectos são determinados pela última. (p 1)

A atividade do sujeito propicia a sua inclusão na sociedade, possibilitando, desta forma, a existência de relações sociais. Nesta relação, o trabalho cumpre um papel fundamental de humanização do homem, de produção de subjetividade. O papel humanizador do trabalho se dá desde os primórdios, diferenciando o homem dos animais. ENGELS (2008) defende que através da atividade do homem, voltada para a sua sobrevivência inicialmente, esta produziu alterações em seu corpo, que favoreceram a manipulação e alteração da natureza, como a postura ereta, o desenvolvimento das mãos e do cérebro. Desta forma, enquanto o animal extraía da natureza seu alimento indiferente a próxima refeição, o homem se precava e se utilizando do trabalho, aprendeu a produzir seu alimento, desenvolveu a agricultura, o cultivo de animais.

O sucesso deste trabalho transformador da natureza, favorecia a ampliação do trabalho em grupo e da socialização, o que desencadeou na necessidade de uma linguagem entre os homens. ENGELS (2008) mostra como esta evolução do homem o afastava e diferenciava do animal. Um elemento importante para isto foi a elaboração de

instrumentos, ferramentas que facilitaram a transformação da natureza em produtos para seu uso. O homem possui intencionalidade em suas atividades, domina a natureza não mais só para a subsistência, mas para a realização de suas satisfações.

O trabalho libertador, que permite a construção do indivíduo e o exercício de sua criatividade não é o mais comum na história. MARX (2000) mostra que o desenvolvimento das máquinas, no século XIX, desencadeou uma constante diminuição no salário dos trabalhadores, os quais se limitavam a operar as máquinas se afastando do produto final de seu trabalho. Desta forma, o trabalho prazeroso e gratificante, se transformou em um trabalho mecânico, necessário para a sobrevivência.

Segundo MARX (2003) o aumento da produção eleva a concorrência entre os donos dos meios de produção e esta, a concorrência, desencadeia o acúmulo de capital. A ânsia por maiores lucros, por parte dos capitalistas, leva a diminuição no salário do trabalhador. Desta forma, quanto mais o trabalhador produz e aumenta a riqueza, maior é sua exploração e menor é a sua capacidade de consumir os produtos, que ele mesmo desenvolveu. Quanto mais cansado e esgotado estiver o trabalhador, menos pertencerá a si e maior será o mundo do objeto.

O trabalho, antes humanizador, transforma o homem em mercadoria, MARX (2003). O trabalhador, que não possui os meios de produção, negocia sua força de trabalho com o patrão: o resultado é o salário. Assim, o trabalhador também está submetido as leis do mercado, da oferta e da procura. Quanto maior a oferta da “força de trabalho”, menor o salário.

O produto é a materialização do trabalho, sua objetivação. Assim, quando o trabalho se realiza, se materializa através do produto, o trabalhador se “desrealiza”, o produto é humanizado e o homem se torna a mercadoria. Pois, o trabalhador se implica no trabalho, depositando sua vida nele e na medida em que sua vida pertence ao trabalho, esta é perdida, ao perder o produto de seu trabalho.

MARX (2003) diz que o trabalhador é alienado do produto de seu trabalho e o trabalho é a alienação ativa. O trabalho não é a satisfação de sua necessidade (do trabalhador), mas um meio para satisfazer outras necessidades (dos donos do meio de produção), as quais não pertencem ao trabalhador. Seu trabalho não é para si, mas para outro, assim como, ele passa a pertencer ao outro quando está no trabalho. O trabalhador sente-se fora de si no trabalho, que deixa de ser voluntário, para ser obrigatório, ele vende a sua força de trabalho para garantir a sua subsistência e de sua família.

Desta forma, o trabalho alienado ao invés de humanizar iguala o homem ao animal,

na medida em que direciona sua atividade vital para a sobrevivência e não para a satisfação de seus desejos. A função do trabalho de socialização também é interrompida, pois se o homem não pode se relacionar consigo, se contrapõe a si, também se contrapõe ao outro. O trabalho como atividade transforma-se, no sistema capitalista, em passividade, impotência do trabalhador (MARX, 2003).

## **I. 2. A transformação do trabalho no Brasil**

Esta realidade, de trabalho mecânico, forçado, repetitivo, punitivo permaneceu no Brasil por décadas. Porém, ocorreu uma reorganização em muitas empresas, a flexibilização do trabalho. Muitas reivindicações dos trabalhadores foram implementadas de forma a “mascarar” a precaridade das condições de trabalho e diminuir as lutas sindicais. Como, por exemplo, o trabalhador que antes desenvolvia um trabalho mecânico e repetitivo, agora desenvolve tarefas multifuncionais, aparentemente um trabalho mais criativo, que permite uma visão maior do produto final. Mas, sobrecarrega o funcionário da empresa sem que este tenha consciência (BERNARDO, 2006).

Na intenção de combinadamente, solucionar o problema da resistência operária – que vinha crescendo e criando dificuldades – e criar um novo sistema produtivo que correspondesse às exigências do atual cenário de competitividade e consumo, o sistema toyotista fornece aos trabalhadores a ilusão da coincidência entre seus próprios interesses e o da empresa. (BUSNARDO, 2003: p. 22)

O trabalhador passou a ter mais “autonomia” no seu trabalho, afirma BERNARDO (2006), podendo interferir nas decisões quando relacionadas ao aumento da produção. Porém, com isso a cobrança que antes era realizada pelo seu superior, agora esta internalizada no trabalhador, que se sente responsável pelo bom desempenho da empresa, mesmo que ele continue recebendo um salário que garanta somente a sua sobrevivência. “Essa lógica tem impedido o homem de ajuizar o quanto de sofrimento tem configurado a formação pelo trabalho e também dificulta o uso da razão crítica” (MENESES, 2007: 108).

Segundo esta autora, o trabalho em grupo/equipe é muito freqüente e estimula uma cobrança entre os próprios trabalhadores, já que a meta estipulada é para o grupo, que deve garantir a continuidade do trabalho. Quando um dos funcionários falta, mesmo que por motivo de doença, a equipe fica contra ele, pois tiveram que trabalhar a mais, para cobrir o seu trabalho. Assim, o indivíduo é responsabilizado pela qualidade do serviço e do produto, fazendo com que este dê o máximo de si para o sucesso da empresa e de seu

trabalho. Com tais mecanismos de controle psicológico, a produtividade aumentou e o trabalhador permaneceu trabalhando excessivamente com isso, desenvolvendo doenças causadas pelo estresse, sobrecarga de trabalho, esforço repetitivo, etc., sem ter consciência disso.

Para que as empresas sejam competitivas, dentro da lógica do capitalismo, mantendo e aumentando seus lucros, precisam rebaixar custos e gastos (MARX, 2000). A terceirização de setores foi uma possibilidade encontrada pelas empresas para descentralizar os serviços e diminuir os custos. Um dos setores em que esta realidade se fez mais presente foi o de comunicações, principalmente o telemarketing, em que a terceirização se expandiu muito. Trabalhos que eram desenvolvidos dentro dos bancos e de outras empresas, passaram a ser oferecidos pelos call centers (NOGUEIRA, 2006).

Os empregos terceirizados cresceram 127% nos últimos 10 anos. Um terço das vagas de trabalho criadas no setor privado, entre 1995 e 2005, são terceirizadas (ROLLI e FERNADES, 2006). O crescimento dos empregos diretos é de 15,2%, para 82,8% de terceirizados, o que mostra a expansão desta prática de divisão e descentralização do trabalho. T tamanha expansão desta prática se dá pelo sucesso que vem obtendo, ainda segundo estes autores. Neste período, 26 bilhões de reais foram economizados pelas empresas, terceirizando serviços.

Com a terceirização o lucro é aumentado, entre outros motivos, através da precarização do trabalho, do não cumprimento da legislação trabalhista e dos acordos coletivos. Um trabalhador terceirizado pode ganhar menos que a metade do salário de um trabalhador efetivo, exercendo o mesmo cargo, muitas vezes com menos benefícios e uma pressão pelo cumprimento de metas maior. Outro reflexo desta prática é a diminuição da força de luta e resistência dos trabalhadores, os dividindo entre terceirizados e efetivos e aumentando a rotatividade dos trabalhadores terceirizados. O que dificulta que se organizem na empresa. Enfraqueceu, também, sindicatos de categorias fortes, como os bancários (NOGUEIRA, 2006).

Mediante estas transformações no mercado de trabalho, vemos o início de um novo ciclo produtivo. O número de operários diminuiu, assim como a presença das indústrias no mercado. Em contrapartida, o setor de serviços e comércio não para de crescer. São nessas vagas que os jovens se inserem em maior quantidade, pois exigem uma qualificação menor e, também, condições de trabalho mais precárias.

## II.1. Juventude: construção do sujeito e papel social do jovem

A construção do sujeito se dá de forma processual, dialética em que objetividade e subjetividade se inter-relacionam, como afirmam AGUIAR e OZELLA (2006)

Falamos de um homem constituído em uma relação dialética com o social e com a história, sendo ao mesmo tempo único, singular e histórico. Este homem, constituído na e pela atividade, ao produzir sua forma humana de existência, revela - em todas as suas expressões- a historicidade social, a ideologia, as relações sociais, o modo de produção. Ao mesmo tempo, esse mesmo homem expressa a sua singularidade, o novo que é capaz de produzir, os significados sociais e os sentidos subjetivos( p.3 ).

O sistema sócio-econômico molda os indivíduos de acordo com seus interesses, mas ele cria mediante as suas contradições o embrião de sua destruição. Diante de uma realidade que o coloca diante de limites que não correspondem a suas expectativas, os indivíduos se questionam sobre as possibilidades do sistema de atender todas as suas necessidades (MARX, 2000). Hoje, tais questionamentos resultam, muitas vezes, em trabalhos voluntários e assistencialistas, que viriam a suprir parte da defasagem do estado em assistir a população. Em outras situações, tais questionamentos ao sistema podem resultar em revoltas, coletivas ou individuais.

Existem muitas formas utilizadas pela classe dominante de barrar essa rebeldia constituída mediante as contradições e limites do sistema. O disfarce de tais contradições, a normalização desta situação, que associa “vida boa” com “trabalho duro”, a alienação da população, são algumas dessas formas de manutenção do sistema, que são defendidas e mantidas pelas várias instituições sociais, como a escola, a religião e, também, a família, entre outras. Esta última, a família, é de fundamental importância para a formação do indivíduo, já que em seus primeiros anos de vida ela será a principal referência para a criança.

Um esforço da burguesia para moralizar os trabalhadores, no século XIX, impunha à classe trabalhadora uma estrutura burguesa de família e não mais a estrutura de família camponesa, ou da nobreza feudal, que eram menos rígidas e mais flexíveis. Desta forma, a estrutura de família que temos hoje é uma mistura de outros modelos, mas prevaleceu à função da família burguesa, de promover a realização emocional, estabelecer a hierarquia familiar, sendo os pais o referencial e modelo mais importante para a criança, em seus primeiros anos de vida, limitando o desenvolvimento individual, e alimentando uma enorme dependência da família. Este modelo de família é o que mais corresponde as

necessidades e características do modelo econômico vigente, produz trabalhadores adequados ao mercado de trabalho (POSTER, 1979).

Vemos, desta forma, que a família é uma instituição que cumpre uma função de manutenção do sistema sócio-econômico vigente, formando e moldando as crianças e os jovens as necessidades de um dado período histórico. Hoje a família influencia e incentiva a constituição de sujeitos individualistas, rígidos e autônomos.

Na adolescência, a influência da família se altera, já que existem outras referências, agora mais presentes e determinantes, como os amigos, os "estilos/ grupos culturais", a mídia e a escola. Dentro da perspectiva sócio histórica, a adolescência não é um estágio natural de desenvolvimento do indivíduo, mas sim, "um momento significado, interpretado e construído pelos homens", como afirmam OZELLA e AGUIAR (2008), os quais reconhecem a referência desta construção social, a adolescência, para a construção da identidade dos jovens.

Os autores, ao afirmarem que a adolescência é construída socialmente, negam a idéia de limitar ao fator etário ou biológico este momento tão complexo na vida das pessoas. Em diferentes culturas e momentos históricos a adolescência e a juventude são definidas distintamente, de acordo com o conjunto de tradições, as demandas econômicas e produtivas da sociedade, a estrutura e dinâmica de família, etc.

Não trabalharemos na presente pesquisa com uma visão de juventude enquanto classe social, nem tão pouco como um grupo coeso, mas sim, como uma categoria detentora de representação e símbolos sociais, compartilhados por um grupo de sujeitos, como afirma GROPPPO (2006),

Ao ser definida como categoria social, a juventude torna-se, ao mesmo tempo, uma representação sócio-cultural e uma situação social. Ou seja, a juventude é uma concepção, representação ou criação simbólica, fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para significar uma série de comportamentos e atitudes a ela atribuídos. Ao mesmo tempo, é uma situação vivida em comum por certos indivíduos (p. 7 e 8).

Além de considerarmos todo o contexto histórico em que esta juventude está inserida, não podemos menosprezar a história individual de cada jovem. Existem diferentes vivências da juventude. Nunca duas pessoas possuem uma mesma trajetória de vida e de experiências. São um conjunto de fatores que vai levar cada jovem a vivenciar esta fase da vida de forma própria e única. Como afirma GROPPPO (2006), não existe uma juventude,

mas sim, “juventudes”, pois entre os jovens, muitos outros recortes podem ser feitos de acordo com o gênero, religião, etnia, classe social, se vive na cidade ou no campo, etc. Desta forma, diferentes maneiras de “ser jovem” são definidas e construídas por cada indivíduo.

Para BOCK (2004) a visão naturalizante da adolescência/juventude impede a compreensão do processo histórico do qual os jovens se constituíram. Esta autora explica a juventude hoje como um reflexo de uma construção social. Este momento da vida, a juventude, precisou ser criada para superar a falta de trabalho para toda a população. Assim, foi ampliado o período escolar, que mantinha os jovens "inseridos" na sociedade e proporcionava formação técnica para os futuros trabalhadores. Partindo desta concepção fica claro que a forma de ver e lidar com a juventude não é a mesma em todas as sociedades.

DAYRELL (2003) situa a juventude como um momento da vida, em que o indivíduo inserido na sociedade estará exposto a uma série de elementos e fatores que auxiliaram na sua constituição como um sujeito social e único, como vemos a seguir:

Entendemos a juventude como parte de um processo mais amplo de constituição de sujeitos, mas que tem especificidades que marcam a vida de cada um. A juventude constitui um momento determinado, mas não se reduz a uma passagem; ela assume uma importância em si mesma. Todo esse processo é influenciado pelo meio social concreto no qual se desenvolve e pela qualidade das trocas que este proporciona (p.42).

Para ABRAMO (2005), a juventude é uma etapa singular de desenvolvimento pessoal e social, em que o jovem se constitui como detentor de direitos. Vemos o jovem como um agente social que tem direito a um “lugar” na sociedade e deveria ter suas demandas atendidas.

Esta visão de jovem, como um sujeito social, não é hegemônica na sociedade. O jovem é visto de diferentes maneiras, muitas interpretações de "o que é ser jovem" aparecem em locais ou momentos diversos, para justificar e legitimar as políticas públicas, ou a falta delas. Um exemplo é a visão do “jovem problema”, que está sempre vulnerável, passando por crises, desenvolvendo comportamento de risco, ou transgressão. ABRAMO (2005) afirma que a consequência desta visão é que as ações voltadas ao jovem, neste caso, focam as características que sustentam este estereótipo, sendo o setor da saúde, justiça, ou segurança social, os que mais se apóiam nessa visão de jovem. Em geral, as políticas

desenvolvidas neste caso são voltadas para a gravidez na adolescência, criminalidade, drogadição, violência, DST/HIV, entre outras.

Ainda segundo a mesma autora, a juventude também é vista, muito freqüentemente, como um período preparatório, um estágio entre a infância e a vida adulta. O risco nesse caso é generalizar a juventude como tendo a possibilidade de desenvolvimento e amadurecimento, sem pensar políticas para as diversidades e diferenças que existem entre os jovens e os vários casos em que as possibilidades de desenvolvimento são obstruídas. Muitos não possuem o tempo livre e as condições de vivenciar esta moratória, pois trabalham. Neste caso, a política mais voltada ao jovem é a educação.

Para DAYRELL (2003), a visão de jovem, como aquele que está vivendo um momento de transição, um estágio de moratória, nega as possibilidades deste sujeito de vivenciar o presente. Pois, o jovem, nesta visão, é um “vir a ser” e suas ações estão focadas no futuro, em sua vida adulta. Neste caso, a juventude é livre para experimentar e aprender e, por isso, não precisa ter responsabilidades com o presente. Essa idéia nega um espaço para o jovem vivenciar seus desejos no presente e reivindicar suas demandas concretas, além de, não corresponder à realidade e as possibilidades da maioria dos jovens, como afirmado a cima.

Citaremos aqui uma terceira forma de ver os jovens, agora como “ator estratégico do desenvolvimento”, como afirma ABRAMO (2005). Os jovens são sobrecarregados, por terem que carregar as esperanças e possibilidades de mudança e, mais uma vez, suas demandas são esquecidas. Esta visão de juventude justifica uma inclusão perversa do jovem no mercado de trabalho, como veremos mais para frente.

Podemos observar que são construídos uma série de estigmas sobre a juventude, de forma a encaixar o jovem no modelo de juventude que melhor interesse para o contexto histórico-socail, desconsiderando a singularidade, a individualidade e as várias maneiras de “ser jovem”. O jovem é manipulado de acordo com os interesses da classe dominante, na maioria das vezes sem ter as suas necessidades e demandas atendidas.

Para KEHL (2004) a juventude que antes era desprezada e desvalorizada, pois não possuía conhecimento e sabedoria, hoje é utilizada pelo mercado para ampliar seu mercado consumidor. Composta por 20% da população, a juventude passou a possuir um lugar na sociedade como consumidora. Assim, segundo a autora, o jovem é respeitado e visto como um cidadão, pois é “livre” para consumir.

Desta forma, a sociedade de hoje estimula a "cultura jovem", que é uma forma de se colocar no mundo, que independe da idade, mas sim, compreende um imaginário social, de

vitalidade e potencialidade, que são buscadas no “mercado jovem”. A juventude de hoje é marcada, entre outras coisas, pela necessidade do mercado de criar consumidores para os seus produtos. A publicidade não obriga a população a comprar nada, mas sim se utiliza de características pessoais para isso, de maneira a criar no indivíduo a necessidade de ter aquele produto (KEHL, 2004).

Os adolescentes (como todos os seres humanos) vão constituindo suas necessidades nas relações com o mundo material/social, e da mesma forma, ou seja, nas relações sociais vividas, encontrarão os objetos possíveis de satisfação de tais necessidades (OZELLA e AGUIAR, 2008: p.126).

Assim, nas relações sociais estabelecidas hoje, as necessidades são construídas de forma a motivar o sujeito a obter satisfações nos objetos de consumo. Tal realidade é vinculada às construções sociais que enrijecem o jovem, para que se mantenha alienado de seu potencial transformador.

O consumo de objetos industrializados consegue suprir as demandas do mundo de hoje, como a volatilidade, rapidez e ”desenraizamento” exigidas pelo mercado de trabalho, pois podem ser adquiridos com uma certa facilidade e, também, garante a estabilidade psicológica, necessária para o ser humano, na medida em que o produto está sempre à disposição (COSTA, 2004). Porém, esta realidade se aplica de forma diferente para jovens de diferentes classes sociais. O jovem de classe média e classe alta terão um esforço muito menor para ter acesso aos bens de consumo que os jovens pobres.

Por outro lado, os jovens são incentivados socialmente a aflorarem o desejo de satisfação sensorial, corporal imediata, reflexo da liberação sexual, do altíssimo índice de consumo de drogas e o culto a beleza. O consumo intenso e permanente marca esta necessidade de satisfação imediata, pois a presença do objeto é necessária para a obtenção do prazer sensorial, que é cada vez mais almejado. Através do consumo podemos ser tudo aquilo que queremos (COSTA, 2004).

Com isso tem-se a falsa idéia de igualdade, pois todos somos consumidores, podendo ter acesso ao mercado. Na realidade sabemos que o mercado produz os produtos voltados para diferentes populações, de acordo com seu poder aquisitivo.

COSTA (2004) alerta, que as relações pessoais estão cada vez mais artificiais, pois os sujeitos se fecham em si e na sociedade de consumo, não se preocupando em desenvolver ações coletivas, como afirma a baixo:

A sociedade de consumo vem justamente minando por baixo a confiança que temos na história e em nosso valor como agentes de transformação social. O grande exercício e o grande desafio que enfrentamos é continuar acreditando em um mundo melhor para nós e para as gerações futuras. (2004, p. 87)

Apesar de todas as estratégias utilizadas pela sociedade capitalista para alienar os jovens e a população, deslocando e tirando de foco as contradições da sociedade, a desigualdade e exclusão social, os questionamentos à lógica do sistema nunca cessam. Nesse momento de transformações em que vive, o jovem, muitas vezes, aumenta seus questionamentos à ordem, aos valores e a hierarquia que é submetido, principalmente em sua família. Coisas que antes eram normais ou aceitáveis, o jovem muitas vezes coloca em dúvida.

A busca incessante de "quem sou, qual meu papel e lugar no mundo", que está presente em toda a vida das pessoas, na juventude passa por contradições devido ao choque de valores que encontra na sociedade. Este contato com muitos significados sociais, em muitos casos, devido a um maior contato do jovem com espaços públicos, podem gerar sentimentos que paralisam o jovem, ou movem sua ação para a transformação da realidade.

Cheio de vida e fantasias, o jovem a todo momento se confronta com os limites do sistema capitalista, sendo impedido da efetivação e realização de seus desejos. O que também ocorre na impossibilidade de consumir os produtos que passam a ter valor para ele. Junto com essas frustrações, ele vai tomando contato com as contradições do sistema capitalista, sua impossibilidade de garantir condições dignas de sobrevivência para a população e dar respostas às demandas efetivas dos mesmos. Como nos mostra TROTSKY (2007),

Os jovens querem aprender, mas lhes são negados os direitos à cultura. Os jovens querem viver e é-lhes oferecido como futuro morrer de fome, ou perecer numa nova guerra imperialista. Os jovens querem criar um mundo novo e somente é-lhes permitido manter ou consolidar um mundo podre que se desmorona. Os jovens querem saber o que acontecerá amanhã [...] (p. 4)

A juventude tem possibilidade de aprender com erros das gerações anteriores, quando os mesmos lhes são relatados. Por outro lado, como não vivenciou as derrotas de outras gerações, como as ondas de repressão ocorridas contra o movimento sindical e

social, na década de 30 e na ditadura militar (ALMEIDA, 2007), possui mais disponibilidade, animo e energia para recomeçar. Por isso, já dizia Che Guevara "a juventude é o alicerce de nossas lutas".

Uma das marcas dos dias de hoje são as constantes mudanças sociais, políticas e econômicas. A velocidade em que as transformações ocorrem não possibilitam a previsibilidade do destino coletivo (ZANETTI, 2001). São nessas circunstâncias que os jovens precisam encontrar um "terreno seguro" para se desenvolverem. Muitas vezes, diante da falta de tal situação "ideal" de sobrevivência, os jovens se propõem a criá-la.

ZANETTI (2001) afirma que na e história do nosso país, os jovens percebem rapidamente a necessidade de mudanças e podem estabelecer diálogos entre o velho e o novo, o modelo social que se forma e o já estabelecido.

## **II. 2. Jovem Trabalhador**

A reorganização do mercado de trabalho é marcada por um grande crescimento no setor de serviços e comércio e pela inclusão dos jovens massivamente nestes setores. Em 2006 aumentaram as vagas de emprego, mas diminuiu a qualidade, segundo o Cesit (Centro de Estudos Sindicais e de Economia do Trabalho), da Unicamp. Menores salário, jornadas de trabalho cada vez maiores e maior o número de trabalhadores com menos de 18 anos. Essas novas vagas estão prioritariamente no setor de serviços e comércio, que dominam 70% do mercado de trabalho, e os que oferecem as piores condições para o trabalhador (SOFIA, 2008).

DIAS (2007), referindo-se a entrada dos jovens no mercado de trabalho diz que,

(...) sua inclusão no processo de produção tem o sentido de sofrimento ético-político, caracterizando-se como inclusão perversa, que lhes permite a inserção na produção e no consumo, mas que impede o desenvolvimento pleno do seu potencial humano, uma vez que não se trata de uma atividade de criação e sim uma atividade repetitiva e mecânica, que não lhes provê um meio de expansão da liberdade e da felicidade (p. 161).

Por não terem experiência de trabalho, qualificações profissionais, os jovens se submetem a trabalhos que oferecem condições menos favoráveis para o desenvolvimento de seu potencial, como telemarketing, fast food, motoboy, entre outros. Muitos chegam a receber menos que um salário mínimo e são privados de direitos trabalhistas, através de trabalhos temporários e contratos flexíveis. Além de horas seguidas de trabalho mecanizado, sem pausas, com altas pressões pelo comprimento de metas e produtividade.

Os jovens também estão mais presentes nas médias e pequenas empresas, aonde possuem piores condições de trabalho e estão nas vagas que exigem menor qualificação (MARTINS, 2001).

A maioria dos jovens tem dificuldade de conseguir o primeiro emprego. Com isto cresce também a procura por qualificação profissional, principalmente por jovens oriundos de escolas públicas, que tentam suprir a pouca qualidade desta e melhorar as suas possibilidades de conseguir emprego (MENESES, 2007). A dificuldade de encontrar o primeiro emprego é um dilema de muitos jovens e reflete a grande inserção deles no mercado de trabalho e o crescimento da população economicamente ativa.

O primeiro emprego simboliza uma inclusão social mais ativa e atuante do que as demais formas de inserção da mesma, devido aos valores estabelecidos na cultura hoje. Apesar de sabermos que muitas vezes o trabalho não proporciona uma forma criativa e espontânea de desenvolvimento do jovem, no imaginário social quem não trabalha é considerado "vagabundo". Visto como um ritual de passagem, o primeiro emprego é uma "prova" de que o jovem pode atuar na sociedade, se relacionar com os demais a partir de um contrato social real, o contrato de trabalho. Desta forma, o longo tempo de procura por emprego gera um sentimento de impotência e incapacidade ao jovem, que se vê cobrado pela sociedade e por si próprio (COSTA, 2004).

O jovem quando inserido no mercado de trabalho muitas vezes é colocado no lugar do "ator estratégico do desenvolvimento". Ele aparece como o detentor das possibilidades de crescimento econômico da sociedade. Esta visão soluciona dois problemas de uma vez só: a exclusão social do jovem, que agora estará inserido no mercado de trabalho e a necessidade de mão de obra barata, para ampliar a economia, como afirma ABRAMO (2005) abaixo,

A visão do jovem como ator estratégico do desenvolvimento está orientada à formação de capital humano e social para enfrentar os problemas de exclusão social aguda que ameaçam grandes contingentes de jovens e atualizar as sociedades nacionais para as exigências de desenvolvimento colocados pelos novos padrões mundiais (p 21).

A juventude é utilizada para garantir o desenvolvimento da economia. A sua inserção no mercado é marcada principalmente pela necessidade do mercado ser competitivo, diminuir seus gastos e ter uma maior flexibilidade. Como vimos à cima, a falta de

experiência do jovem e a preocupação em conseguir o primeiro emprego, permite que a empresa pague um salário menor a ele que pagaria para outros trabalhadores, assim como, utiliza-se de outros mecanismos de exploração.

Desta forma, a inclusão dos jovens na sociedade é feita, na maioria das vezes, de forma perversa, pois o jovem não vê no trabalho uma possibilidade de realização pessoal. A pouca escolha que o jovem possui entre as vagas de trabalho faz com que ele trabalhe em categorias profissionais que não lhe trazem prazer. Para o jovem trabalhador que não se identifica com seu trabalho, esta atividade profissional torna-se um estorvo, um fardo, do qual sonha em se livrar. Nestes casos o trabalho não proporciona uma inserção real na sociedade, um "lugar" que é destinado para o jovem, do qual ele pode usufruir para criar e transformar a sociedade. Ao contrário, o trabalho lhe rouba um tempo em que poderia estar desenvolvendo atividades artísticas, ou voltadas para o lazer. DAYRELL (2003) mostra que hoje os jovens estabelecem estilos culturais- artísticos, como o funk e o hip-hop, pois são espaços em que o jovem realmente pode se desenvolver livremente. Os jovens também encontram outras saídas para reafirmarem seu lugar na sociedade, como o "mundo do crime", por exemplo. Desta forma, o trabalho é um empecilho para o jovem vivenciar o "ser jovem", que não ocorre muitas vezes no espaço profissional e nem na escola.

O trabalho ao invés de proporcionar um espaço de socialização, criatividade e produção causa insegurança e instabilidade para o jovem, assim como, laços sociais cada vez mais frouxos. Primeiramente, como afirma COSTA (2004), para a nova organização do mercado de trabalho, o trabalhador deve estar flexível às necessidades do mercado, que é marcado pela grande rotatividade de funcionários, horários que não são fixos, alterações de funções e até do local da empresa. Esta exigência das empresas de que o trabalhador suporte e se adapte a esta enorme flexibilidade, faz com que o jovem diminua a sua rede social, como amigos, namorado(a), família, tornando suas relações com o outro elástica e flexível.

Objetivamente isto ocorre, pois o jovem não tem como organizar as relações de forma estável, já que muitas vezes esta organização é quebrada, devido às alterações que são feitas em sua vida profissional. Mas, a forma de se organizar deste jovem, subjetivamente, passa a assumir esta característica de instabilidade, ainda segundo o mesmo autor.

Outro fator gerador de instabilidade para os jovens é a pouca segurança que possuem em seu emprego. Os jovens são os que estão mais vulneráveis no mercado de trabalho, pois muitos não possuem trabalho fixo, se submetem aos trabalhos temporários,

que possuem dia para terminar, os “bicos”, que geralmente não possuem contrato formal, possui duração só de um dia, ou um período muito curto de tempo; os trabalhos mais flexíveis, sem estabilidade financeira, em que o salário é comissionado, o jovem só recebe a porcentagem daquilo que vender, etc. Com a rotatividade no mercado de trabalho e a idéia tão difundida na sociedade de que “ninguém é insubstituível”, o risco ao desemprego está sempre eminente (MARTINS, 2001). Estar desempregado gera culpa, vergonha, perda de identidade pessoal e social. Dos desempregados, 45% são jovens entre 16 a 24 anos, que compõem 2,314 milhões, em 2006, segundo dados obtidos na Folha de São Paulo, escrito por SOARES (2007).

Vemos que as vagas de trabalho oferecidas para a juventude em sua maioria alienam o jovem de si. MENESES (2007) afirma que existe um controle simbólico desses trabalhadores, que acabam se identificando com a empresa. A reorganização do trabalho proporcionou uma realidade ainda mais perversa ao trabalhador, que possui menos possibilidades de perceber que está sendo explorado e tomar contato com sua dor. Ainda segundo esta autora, a eficiência do sistema embota a compreensão do trabalhador e o faz identificar-se com o que lhe é imposto e assim adaptar-se ao processo de dominação que existe na sociedade. Esta autora mostra como o jovem se enrijece, tem sua criatividade congelada e com isso, sua capacidade crítica.

No entanto, DIAS (2007), nega a possibilidade de um embotamento completo, no qual o jovem estaria alheio a qualquer possibilidade de manifestação. Mostra que existem manifestações individuais contra esta alienação e desapropriação de si, a que o jovem é submetido. Apesar de ter sua "potência de ação deprimida", o jovem tem inaptações, que são fundamentais para manter a ação criativa, como a manifestação de doenças. Para DIAS (2007) o sofrimento gerado pelo trabalho pode ser manifestado através de doenças, que seriam uma manifestação no corpo, uma negação à exploração e a atividade alienadora de trabalho.

A inserção na vida pública, com o ingresso no mercado de trabalho aumenta o contato dos jovens com as contradições do sistema, aumentando também o seu desagrado com o sistema, na medida em que percebe a proporção da exploração. Esse novo trabalhador, em momentos em que as contradições do sistema são mais explícitas, descobre não ser o único submetido a privações e explorações, mas sim, que pertence a uma classe mais desfavorecida.

## CAPITULO 2. HISTÓRIA: A MEMÓRIA COLETIVA DO POVO

### **I. 1. Transformações sócio - políticas no Brasil**

A história está em constante transformação e sua construção se dá através de um processo em que o passado está cristalizado no presente (HOBSBAWN, 1998). Somos reflexo e fruto de momentos anteriores. Assim, aprender com a história é não repetir erros e avançar nos acertos.

Estudar a história é compreender as formas de luta de outras gerações, segundo FONTANA (1931), que afirma ser a história um instrumento de transformação social e de dominação, pois quem escreve a história do passado influencia a maneira de pensar das pessoas hoje e quem influencia o presente está construindo o futuro. Por isso, o historiador ou pesquisador não é e nem deve ser neutro, mas sim, deve se engajar na construção de novas alternativas para a constituição de uma sociedade igualitária e de uma “história de todos”.

Para este autor a história é a memória coletiva de um povo e o historiador/pesquisador ao atuar o faz de um determinado “lugar”, a partir de suas motivações pessoais. Desta forma, a memória coletiva será “revivida” e lembrada a partir da forma de pensar instituída no presente e da história pessoal do indivíduo que a conta. Assim, passado, presente e futuro se misturam. Tentaremos neste capítulo estudar alguns momentos históricos, levantando elementos do passado que se refletem na forma do jovem pensar hoje e na forma deles se organizarem, aprendendo com o passado e apontando características do presente que podem refletir em diferentes caminhos para o futuro.

Podemos observar na história do Brasil as transformações e alterações econômicas, acompanhadas de mudanças nas condições de vida dos trabalhadores, assim como, de novas resistências e lutas por melhores condições (IASI, 2006). Ao longo desta trajetória, em períodos de transformações, as novas gerações, desempenharam um papel importante.

IASI (2006) afirma que a sociedade brasileira viveu ciclos, em que momentos de desenvolvimento e avanço da economia acentuaram os antagonismos sociais e a luta de classes, provocando uma organização dos trabalhadores. Este autor defende que estamos encerrando um ciclo, que foi marcado pelas lutas dos anos 1970 e 1980 e teve a estabilidade do sistema e o apaziguamento das lutas como predominantes a partir dos anos de 1990. O término deste ciclo e o início de um novo, abriram a possibilidade do surgimento de novas lutas.

## **I. 2. Vargas- derrota do sindicalismo e dos trabalhadores**

Em 1930 novas transformações na realidade brasileira provocaram reações dos trabalhadores. Inicia-se a transição da economia exportadora de café para a economia industrial. Getúlio Vargas promove o desenvolvimento das indústrias, criando condições favoráveis para este crescimento industrial. Uma importante condição para o crescimento das indústrias, em quantidade e financeiramente, foi diminuir o poder de reivindicação dos direitos, dos operários.

Desta forma, a distribuição dos lucros obtidos era muito desigual. Enquanto o salário dos operários era o suficiente para a sua sobrevivência e as condições de trabalho eram precárias, os proprietários das indústrias ampliavam o seu capital. Para que isso pudesse ocorrer sem que os trabalhadores interrompessem a produção em protesto, foi criada uma estrutura sindical que atrela o sindicato ao estado, diminuindo a autonomia dos trabalhadores, conforme ANTUNES (1981).

Ainda segundo este autor, apesar dos ataques a autonomia sindical, muitas lutas ocorreram no começo da década de 1930, por melhores condições de trabalho e aumento de salário, sendo vitoriosas a maioria delas, em virtude do forte movimento sindical que se deu nos períodos anteriores. Apesar das concessões trabalhistas implementadas pelo Getúlio Vargas, que em grande parte se deu por conta das lutas dos operários, estes não aceitaram a imposição da nova estrutura sindical. Até 1935 somente 25% dos sindicatos, de São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul, haviam aceitado as normas da lei de sindicalização.

Em 1935 ocorreu uma onda de repressão ao movimento operário, que foi aprofundada após a tentativa da ANL (Aliança Nacional Libertadora) de tomar o poder através de um levante armado, que fracassou. Esta atitude da ANL era a “desculpa” que Vargas precisava para iniciar uma enorme repressão ao povo, esmagando as lutas e organizações dos trabalhadores, conforme ANTUNES (1981).

O fracasso da ANL foi uma derrota de todo o movimento operário e outros movimentos reivindicatórios, pois os líderes sindicais foram perseguidos, foi fechada a CSU (Confederação Sindical Unitária), criou-se uma concentração de poder nos sindicatos, afastando-os da base dos trabalhadores, assim como, foram criados mecanismos de burocratização, fazendo com que o sindicato se tornasse um instrumento de conciliação entre os trabalhadores e os donos das indústrias. ANTUNES (1981), explana sobre a "Lei de Sindicalização", de 1931, que foi implementada por decreto,

Este Decreto estabelecia o controle financeiro do Ministério do Trabalho sobre os recursos dos sindicatos, proibindo a sua utilização pelos operários durante as greves e definiu o sindicalismo como órgão de colaboração e cooperação com o Estado. Ainda que permitisse aos delegados do Ministério do Trabalho o direito de participar das assembleias operárias, proibia o desenvolvimento das atividades políticas e ideológicas dentro dos sindicatos, vetava sua filiação a organizações sindicais internacionais, negava o direito de sindicalização aos funcionários públicos e limitava a participação de operários estrangeiros nos sindicatos. (p. 59)

Esta estrutura sindical, que diminuía a capacidade de resistir aos ataques à categoria e a organização por melhores condições, afastando os trabalhadores do sindicato e os desmobilizando, ainda existe hoje, conforme ALMEIDA (2007). Esta realidade afasta ainda mais o jovem do sindicato, além de outros elementos que serão levantados mais para frente.

Somente em 1945, Vargas retira os dispositivos legais que controlavam os sindicatos, o que permite uma substituição dos burocratas e a rearticulação do movimento sindical (ANTUNES, 1981).

### **I. 3. Luta contra a ditadura- anos 1960**

Com a industrialização promovida pela ditadura militar, que transformou a política econômica, mais uma vez os antagonismos e interesses de classes se acentuaram e a necessidade dos trabalhadores se unirem para garantir seus direitos faz-se presente com maior força. Assim, a velha estrutura sindical corporativista, decorrente do varguismo, que atrela o sindicato ao estado, não cabia no novo cenário de lutas e reorganização dos trabalhadores. Para combater e superar esta estrutura sindical, os sindicatos reformistas e os burocratas que seguram as lutas dos trabalhadores, foi criada, em 1962, a CGT (Confederação Geral dos Trabalhadores), segundo ALMEIDA (2007).

Vemos neste momento como novas gerações de trabalhadores, decorrentes do aumento da indústria, constataram a necessidade de outras ferramentas de luta que fossem diferentes da estrutura sindical existente. Estes novos trabalhadores não sofreram as “derrotas” do movimento operário, principalmente de 1935, e não tinham sido cooptados pelo sindicalismo reformista e conciliador. Desta forma, possuíam uma disposição e motivação para construir lutas reivindicando seus direitos, diferente dos trabalhadores

que começaram a trabalhar em um momento anterior. Na década de 1960 a CGT dirigiu muitas greves e mediante as lutas existentes neste período, uma nova camada de trabalhadores reconheceu a necessidade de se organizarem de forma independente do estado e dos patrões, junto à CGT. Neste período ocorreu a famosa "Greve pela paridade", que reuniu 400 mil trabalhadores (ALMEIDA, 2007).

Porém, segundo o mesmo autor, com a ditadura militar, o movimento sindical sofreu uma nova “derrota”, baseada em duras repressões e perseguições de líderes. A direção foi dizimada, deixando os trabalhadores órfãos de organização e de estruturas combativas.

Apesar da repressão os trabalhadores não deixaram de se manifestar por completo. ANTUNES (1981) mostra, que eles se utilizavam de métodos de resistência aos ataques dos patrões menos bruscos, como "Operação Tartaruga", em que as atividades profissionais eram desenvolvidas de forma mais lenta, diminuindo a produção. Outra forma de contestação e reivindicação que não desencadeava em um confronto direto era a “Operação padrão”, em que os trabalhadores desenvolviam o seu trabalho sem a preocupação em aumentar a produção, deixando de fazer os macetes que fazem no cotidiano para superar as falhas que atrapalham a produção. Ainda em 1968 temos tentativas mais ousadas de lutas, como as greves de Contagem e Osasco, que duraram somente quatro dias, sendo reprimidas pelo estado, o que gerou uma frustração e desânimo aos trabalhadores.

#### **I. 4. Em busca da democracia**

Em 1978, ansiosos por democracia e justiça, temos uma nova onda de lutas dos trabalhadores. Retornam as lideranças sindicais exiladas e retoma-se a tradição do "1º de Maio", que reúne 200 mil trabalhadores. Nasce no final da década de 1970 e começo da década de 1980 o "novo sindicalismo". A abertura política e liberdade de expressão, durante tantos anos sufocadas, se fizeram presentes nas grandes greves dos metalúrgicos do ABC, na greve geral, nacional, que ocorreu em 89, no nascimento de muitos movimentos sociais e em tantas lutas que aconteceram neste período (ALMEIDA, 2007).

Dentro da idéia defendida por IASI, de que a história passa por diferentes ciclos, em que períodos de luta e de refluxo se alternam, o final da década de 1970, até a metade da década de 1980 foi o período de lutas diretas, que marcaram o ciclo em que vivemos hoje. Naquelas décadas ocorreram as lutas que foram alternadas e substituídas pelo período de refluxo, o qual prevalece atualmente.

Mais uma vez, como na década de 1960, os sindicatos eram demasiadamente burocratizados, afastados da base da categoria e aliados aos patrões. Mesmo assim a conjuntura do momento fez com que crescesse a organização dos trabalhadores e a consciência de que era necessário se unirem para resistirem à retirada de direitos e o rebaixamento salarial. As greves e a efervescência política entre os trabalhadores, que ocorriam neste período trouxeram a necessidade da luta coletiva, classista e independente dos patrões. Assim, a estrutura sindical que prevaleceu na CGT não correspondia a essa demanda, de uma direção que organizasse as lutas. Esta instituição, a CGT, perdeu durante a ditadura a função e os princípios que nortearam sua fundação, se adaptando a burocratização, que a estrutura sindical varguista impunha (ALMEIDA, 2007).

Com isso, os novos lutadores tomaram para si muitos sindicatos "pelegos", constituindo-se uma nova camada de diretores sindicais. Surge no começo dos anos 1980 a CUT (Central Única dos Trabalhadores). Esta tinha um vínculo direto com as lutas e na prática rompeu com toda a estrutura sindical imposta pelo estado, que em grande parte foi alterada na constituição de 1988, ainda segundo o mesmo autor.

ALMEIDA (2007) conta que foi aberto neste período um grande ascenso de lutas, que desencadeou, também, o surgimento do PT (Partido dos Trabalhadores) e do MST (Movimento dos Trabalhadores Sem Terra), com uma efervescência também entre os trabalhadores rurais.

Já na metade da década de 1980 as lutas diretas, as grandes manifestações e assembléias operárias retrocederam. Com a diminuição das lutas diretas os trabalhadores já não se inseriam com a mesma frequência na vida cotidiana do sindicato. Desta forma, a pressão que existia para que ocorresse uma participação direta da base dos sindicatos em suas decisões foram diminuindo, na mesma proporção em que se deu uma retomada na concentração de poder dos sindicatos nas mãos de poucas pessoas e conseqüentemente, uma burocratização (ALMEIDA, 2007).

Na ausência de uma alteração política real na estrutura e organização dos sindicatos, resistir a pressão de controle do estado ficou muito mais difícil, processo que ocorreu com a CUT, como explica ALMEIDA (2007),

O processo de mudanças primeiro paralisou-se e depois retrocedeu. A degeneração da CUT, a que assistimos hoje, em grande medida é expressão de que os mecanismos de controle do Estado sobre os sindicatos se impuseram por sobre a vontade transformadora dos milhares e milhares de ativistas que participaram daquele

processo. Levaram á adaptação e à burocratização de quase toda uma geração de ativistas e militantes que chegaram aos sindicatos embalados pela luta contra o regime militar, e contra a pelegada que era cúmplice daquele regime e dos patrões na direção das entidades. (p. 51)

### **I. 5. Outras formas de contestação**

Os anos 1990 não foram marcados por grandes lutas. As manifestações de rua, assembléias, entre outras atividades que aglutinavam milhares de pessoas, que ocorreram entre o final da década de 1970 e a primeira metade da década de 1980 perderam fôlego. Muitas das lutas foram institucionalizadas em partidos políticos ou ong's, entre outras instituições. Exemplo são as secretarias ou setoriais de juventude, mulheres, diversidade sexual, etc. O fator que teve maior peso para tal refluxo dos movimentos sociais de massa foi à perda de referência no socialismo. Com a queda do Muro de Berlim, em 1989, assim como a queda dos regimes do Leste Europeu e o colapso da União Soviética, em 1991 divulgou-se o “fim da história”, a vitória do capitalismo e a existência deste sistema sócio-econômico como a única alternativa possível. Assim, a idéia de luta coletiva, união dos trabalhadores e luta de classes foi substituída por uma perspectiva de melhoria do capitalismo, reformas e transformações específicas e localizadas. (ZANETTI, 2001)

Na década de 1980 o neoliberalismo se fez presente no Brasil, com transformações políticas e econômicas, que refletem no cotidiano da população, assim como na forma destes verem a sociedade. THERBORN (2007) afirma que uma característica importante deste período foi o desenvolvimento de tecnologias. A tecnologia permitiu que a produção fosse mais flexível, de forma a se adaptar as necessidades do mercado. Esta nova realidade provocou uma alteração nas relações de trabalho, o que iremos desenvolver no próximo capítulo deste estudo. O estado perdeu importância e as privatizações correspondiam à orientação de priorizar a iniciativa privada.

### **II. 1. A juventude deixa sua marca na história**

As organizações estudantis foram os espaços onde os jovens se organizaram historicamente, mas isso se alterou a partir da década de 1960. O Primeiro Congresso Nacional de estudantes ocorreu em 1910. Em 1929 os estudantes criaram a Casa do Estudante do Brasil, que visava a assistência estudantil e à promoção, difusão e intercâmbio de obras e atividades culturais (POENER, 2004). Porém, segundo este autor

os estudantes não se fecharam em suas bandeiras e como em outros momentos históricos a juventude participou de lutas mais amplas. Atuaram no Movimento Constitucionalista, em São Paulo em 1932, jovens de diferentes estados saíram às ruas para apoiar os paulistas, como no Pará, Minas Gerais, Bahia e Rio de Janeiro. Esta maior participação na vida política do país levou ao nascimento de várias organizações de jovens, mais ou menos no mesmo período, como a Juventude Integralista, a União Democrática Estudantil, JOC (Juventude Operária Católica), a Federação Vermelha dos Estudantes, a Frente Democrática da Mocidade, Juventude Comunista, entre outras.

Entre essas novas organizações de juventude surgiu a Juventude Operária-Estudantil, que realizou seu primeiro congresso em 1934 (POENER, 2004). Uma das organizações impulsionadoras deste congresso foi a Juventude Comunista (JC), nesta época ela era em 90% formada por operários. ABREU (2002), conta que a orientação da JC era ganhar jovens nas fábricas, empresas e no comércio. Mesmo sendo uma organização pequena, a JC teve um espaço e reconhecimento no movimento dos trabalhadores. O autor relata que em manifestações públicas, como o dia do trabalhador, no Primeiro de Maio, a juventude se organizava em um bloco específico e defendia suas bandeiras no carro de som. Outra organização de jovens operários era a JOC (Juventude Operária Católica), que pretendia difundir uma educação católica entre os jovens (MATTOS, s/d).

Apesar de pequenas atuações entre os jovens operários, como citado acima, foi como estudante que o jovem obteve maior destaque nas lutas sociais. MESQUITA (2006), afirma que “os estudantes foram críticos a ditadura de Vargas (1930-1945), realizando várias manifestações e protestos sob o signo da luta anti-fascista que caracterizava aquele período marcado também pelo acontecimento da II Guerra Mundial” (p. 81).

Estudantes e jovens de diferentes organizações se unem para impedir o avanço das idéias Integralistas e da JI (Juventude Integralista), que se opunha a ANL (Aliança Nacional Libertadora), como afirma. Em 1943 uma manifestação estudantil acaba na morte do estudante, Jaime da Silva Teles, devido à repressão policial (POENER, 2004).

A participação dos estudantes contra a ditadura militar foi muito superior a sua atuação contra a ditadura Vargas, segundo MESQUITA (2006). O autor mostra como o movimento estudantil pode influenciar outros setores, muito temerosos com a repressão dos militares.

O movimento estudantil acaba tecendo uma grande rede de apoio (desde os

segmentos culturais, aos políticos e religiosos) que dará sustentação para boa parte de suas mobilizações e encontros. E, particularmente em 1968, explodem manifestações sociais de peso, lideradas pelo movimento estudantil, mas articulada com outros segmentos da sociedade civil, como os acima citados. A Marcha dos “Cem Mil” torna-se a expressão maior desta época que se caracterizava pela tensão social, por uma cultura do medo e um profundo autoritarismo advindo da repressão do regime que, logo se interiorizou no tecido social. (p.72)

Neste momento, entre 1964 e 1968, a UNE (União Nacional dos Estudantes) articulou os estudantes. Dialogando com outras organizações, os estudantes algumas vezes tomavam a frente de ações e campanhas, como na prisão de operários, do ABC paulista, em que os estudantes denunciaram publicamente as prisões políticas, buscando o apoio de diferentes instituições e personalidades. (FARIZ, 2005).

A Juventude Operária Católica também teve importância para as lutas naquele momento. “Seus militantes tinham passado, em grande número, a participar de organizações operárias como sindicatos, associações profissionais, clubes de bairros e mesmo em associações partidárias”, afirma MATTOS (s/d, p.6).

Esta organização e mobilização dos estudantes teve influência do fenômeno conhecido como “Maio de 68”, na França, que se ampliou para muitos países. A juventude pode ocupar as ruas, se apropriando do espaço público em grandes manifestações, que se estenderam para o resto da população. Na França os estudantes foram os pioneiros, ocuparam universidades e foram reprimidos. O aumento das manifestações dos estudantes, que reivindicavam maior autonomia e democracia nas universidades levou a organização dos trabalhadores a convocarem greve geral. Muitas fábricas pararam exigindo aumento salarial e melhores condições de trabalho (DOYLE, 2008).

Essa “onda” de radicalização favoreceu que diferentes grupos minoritários reivindicassem um “lugar na sociedade”, exigindo igualdade, como as mulheres, os homossexuais a juventude, os negros, etc., aumentando as lutas pela valorização e respeito à diversidade (MESQUITA, 2006).

Segundo este autor, durante a década de 1960, devido à luta contra a ditadura, o movimento estudantil teve uma atuação muito próxima ao movimento social, o que propiciou trocas de experiências entre eles. A mistura entre esses movimentos reivindicatórios resultou em uma rica diversidade na forma de organização e atuação política da juventude, como a ampliação de suas pautas, exemplo: inclusão da luta de

gênero, diversidade sexual, ecologia, etc. O autor avalia que o jovem aparece como agente social a partir de 1960, pois anteriormente a este período não se reconhecia a juventude como sujeitos de direitos, transformadores da sociedade e dotados de potência. Somente os estudantes eram reconhecidos como transformadores da realidade. Uma das razões para o reconhecimento do jovem como sujeito transformador, foi o desenvolvimento de movimentos culturais, que se ampliam nos anos seguintes, como o movimento hip hop, por exemplo, entre outras formas de organização e de bandeiras de luta, que permitem a aglutinação dos jovens em torno destes novos focos.

A força e potência da juventude, neste período histórico, foram vistas mais uma vez no movimento dos "caras pintadas", em 1993. Milhares de jovens saíram as ruas, com seus rostos pintados, exigindo o impeachment do presente da época, Fernando Collor de Melo, acusado de corrupção (POENER, 2004). Esta organização coletiva da juventude não foi a marca da década de 90, como já vimos neste trabalho.

## **II. 2. Participação dos jovens**

SCHMIDT (2001) defende que muitos jovens possuem um sentimento de ineficácia política. Por um lado sente ineficácia por parte das instituições políticas, que pode ser atribuído às denúncias de corrupção presentes no Estado, à falta de interação deste com a população, à não satisfação de suas necessidades, etc. Desta forma, a falta de confiança nas instituições políticas, afasta ainda mais a juventude da vida política do país.

Por outro lado, muitos jovens não se percebem capazes de alterar e transformar a sociedade. Se sentem ineficazes, não possuem espaços e meios para tal, o que faz com que ou fiquem apáticos à política, ou se limitem a ações focalizadas e específicas.

Porém, nunca existiu um comportamento apolítico, mas sim uma perda de referência política e ideológica. Os jovens possuíam referência nas lutas coletivas, ocorridas na década anterior, de 1980, assim como na ideologia socialistas. Com a queda do socialismo real (União Soviética) e o avanço da globalização e do neoliberalismo, os jovens construíram formas diferentes de se organizarem. Em uma pesquisa com jovens nesta época, SCHMIDT (2001), mostra que 80% dos entrevistados já tinham desenvolvido uma atividade política. Mas, em sua maioria, tais atividades se davam em movimentos não convencionais (movimento ecológico, direitos humanos, movimento feminista, contra o racismo...).

Nesta pesquisa SCHMIDT (2001) compara as entrevistas com pais e filhos, concluindo que não existe uma diferença significativa, explícita no discurso dos sujeitos, na forma de ver o mundo e disposição de atuação para a mudança da realidade não satisfatória. Tal fato se dá pelo momento de estabilidade e inércia social, em que pouco espaço existia para o novo, para a transformação. Esta pesquisa mostra que os jovens não se sentem autorizados para assumirem responsabilidades com a sociedade em geral, mas que quando se trata de lutas específicas e pontuais, que estejam mais ao seu alcance, sua participação torna-se construtiva.

Para SALVA e STECANELA (2006) a participação social dos jovens na atualidade se inicia com uma atitude individual, principalmente através do trabalho voluntário. Esta ação focalizada e restrita a poucos indivíduos, que muitas vezes estão ligadas com questões de sobrevivência, pode se estender para bandeiras mais amplas e são fundamentais para a elaboração de um projeto de vida voltado para a construção de um Brasil melhor.

As mesmas autoras defendem que existem diferentes formas de atuar. Os jovens são muito diversos e os conteúdos desenvolvidos por eles são dispersos. Para elas este movimento dos jovens é muito dinâmico. Morrem e renascem organizações juvenis, em um processo que constitui o jovem como ator social, aquele que reconstrói e re-significa formas de atuar na sociedade, deixando sua marca nela.

Este jovem de hoje, que substitui soluções coletivas por respostas individuais, que possui reivindicações mais imediatas e pontuais, quando inseridos no mercado de trabalho, mesmo inseridos nas vagas mais precárias, não procuram o sindicato como uma ferramenta de transformação. Para MARTINS (2001), a participação dos jovens no sindicato é restrita. Um dos fatores para isso é o sindicato não promover ações e construir bandeiras que dêem respostas às demandas e a realidade do jovem.

Muitos destes jovens trabalhadores mantêm a atividade profissional por uma necessidade econômica, ou para sustentarem sua casa ou pagarem os estudos. O acúmulo de tarefas sobrecarrega o jovem, que não irá “abrir mão” de seus momentos de descanso ou lazer para participar das atividades do sindicato. As empresas, na maioria das vezes, aumentam essa distância do jovem com o sindicato, com estratégias para minimizar a atuação deste, como fazer reuniões periódicas com os funcionários dispensando a participação do sindicato, etc. (MARTINS, 2001)

Porém, o jovem não vira as costas para as desigualdades sociais, por não participar

dos sindicatos, mas busca atuações através de outras instituições, como mencionado a cima. Além do que, os jovens muitas vezes manifestam seu desgosto com seu trabalho através de ações individuais, como, por exemplo, pedir demissão, como forma de recusa a trabalhar, ou não se implicar mais com o mesmo, fazer seu trabalho "mal feito", como afirma MARTINS (2001). Desta forma, vemos mais uma vez como o sindicato não corresponde à demanda das novas camadas de trabalhadores, que neste momento se constitui em grande parte, de jovens.

BORGES (2004) afirma que o que fazia sentido para gerações anteriores não faz para os jovens de hoje e que é necessário aceitar o novo para reconstruir o velho. Assim, para organizar os jovens trabalhadores de forma a romperem com a exploração cotidiana em seu trabalho, como vimos em outros momentos da história, é necessário re-significar a importância da luta coletiva, assim como, re-estruturar o sindicato, para que esteja ao alcance dos jovens.

## CAPITULO 3. PSICOLOGIA SÓCIO- HISTÓRICA

### **I. Concepção de homem e pressupostos teórico-metodológicos**

A psicologia sócio histórica se orienta pelo materialismo histórico e dialético. Esta perspectiva teórica compreende que as condições materiais e objetivas podem existir independente das idéias. A forma que as sociedades se organizam em diferentes momentos históricos, assim como a maneira que produzem a subsistência de seu povo e a riqueza da sociedade irão influenciar diretamente na constituição de homem, na mesma medida que são influenciados por ele. É esta relação entre opostos, que o princípio dialético reafirma, que viabiliza a transformação constante da sociedade, a movimentação a partir da negação e da união entre o indivíduo e a sociedade (GONÇALVES e BOCK, 2003).

Desta forma, o homem é um ser social, produto de um dado momento histórico e de um lugar específico. É a partir das relações sociais que ele poderá se constituir como tal, internalizando a cultura, que se constitui, se modifica, ao longo da história. Somente atuando na sociedade o Homem irá se humanizar. VIGOTSKY (1988) se utiliza do termo *atividade* para definir a forma como o homem atua e transforma a natureza, ao mesmo tempo transformando a sua natureza psicológica. A principal atividade se dá através do trabalho, como desenvolvemos no capítulo 1.

A consciência acontece e se realiza na relação entre homem e sociedade, na qual o homem altera a sociedade se alterando também. Nesta relação a sociedade age no homem, desencadeando registros que o homem realiza internamente. Porém, o mundo interno não constitui uma simples internalização do mundo externo, mas se constitui de forma única e singular, em cada indivíduo, permitindo o surgimento do novo, que se configura influenciado pelo conjunto de registros próprios do sujeito, como afirma AGUIAR (2002).

Esta autora descreve que a atividade do homem na sociedade é facilitada pelo uso de instrumentos, que permitem a transformação da natureza, facilitando e, muitas vezes, viabilizando a ação do homem na sociedade. Os signos são instrumentos que atuam internamente, viabilizando as transformações internas no homem e possibilitando o surgimento da consciência. Estes, os signos, resultam de um longo processo, em que os instrumentos externos se internalizam. Isto se dá com a freqüente repetição das atividades,

em um processo que é interpessoal, o qual resultará em um processo intrapessoal. Vigotsky chamou este processo de internalização, do qual falaremos mais a diante.

Os instrumentos e os signos iram mediar a relação entre o homem e a sociedade, o interno e o externo, possibilitando as condições necessárias para que essa relação dialética ocorra, sendo esta relação de complementação, em que um não pode existir sem o outro. Assim, nesta relação em que o homem altera a sociedade, na mesma medida em que provoca modificações internas, o homem é possibilitado de se desenvolver na relação com o outro, atuar no universal, constituindo sua singularidade e transformando a sociedade, segunda a mesma autora.

Os sistemas de Signos são a linguagem, a escrita, o sistema numérico, entre outros. Eles auxiliam e potencializam a relação do homem com a sociedade, possibilitando a resolução de problemas psicológicos, como lembrar, escolher, comparar, etc. Os signos são constituídos a partir das relações sociais, das ações e atividades que o homem desenvolve repetidamente em seu cotidiano, em um dado momento histórico e local, e por isso refletem a cultura dominante da respectiva época. Assim, os signos são ideológicos, são submetidos as leis sociais, o que reafirma que o homem é um ser social e histórico (VIGOTSKY, 1998).

Os signos cumprem um papel fundamental, de mediação, como já dissemos. A categoria mediação, como afirmam AGUIAR e OZELLA (2006), consiste em estabelecer uma relação entre a sociedade e o indivíduo, mas principalmente, gerenciar e organizar esta relação. A existência desta categoria permite falarmos na relação dialética entre sociedade-indivíduo, objetividade-subjetividade, etc.

(...)Ao utilizarmos a categoria mediação, possibilitamos a utilização, a intervenção de um elemento/um processo, em uma relação que antes era vista como direta, permitindo-nos pensar em objetos/processos ausentes até então. (...)Subjetividade e objetividade, externo e interno, nessa perspectiva, não podem ser vistos numa relação dicotômica e imediata, mas como elementos que, apesar de diferentes, se constituem mutuamente, possibilitando um a existência do outro numa relação de mediação. (p. 225)

A atividade mediada do homem, compartilhada entre os demais, passa a compor o mundo psíquico. Assim, ocorre a reconstrução das atividades, que inicialmente se limitavam a ser intersíquicas (externas) e passam a ocorrer também internamente, intrapsiquicamente, o que VIGOTSKY (1988) chamou de internalização. As funções agora

passam a surgir nas duas dimensões, primeiro na sociedade e depois no indivíduo, ampliando suas habilidades psico-motoras. Ao serem internalizadas as atividades adquirem leis próprias, o que faz do homem um ser social, mas único e singular, como vemos abaixo.

A transformação de um processo interpessoal num processo intrapessoal é o resultado de uma longa série de eventos ocorridos ao longo do desenvolvimento. O processo, sendo transformado continua a existir e a mudar como uma forma externa de atividade por um longo período de tempo, antes de internalizar-se definitivamente. (...) Entretanto, elas somente adquirem o caráter de processos internos como resultado de um desenvolvimento prolongado. Sua transferência para dentro está ligada a mudanças nas leis que governam sua atividade; elas são incorporadas em um novo sistema com suas próprias leis. (p. 64 – 65)

A linguagem oferece a mediação mais importante entre o homem e a sociedade, pois permite a interação e socialização de experiências. GONÇALVES e BOCK (2003) afirmam que a linguagem é um instrumento formador da consciência e permite o movimento entre esta e a atividade. Através da linguagem o indivíduo se humaniza, aprende e materializa o mundo dos significados.

Os sistemas de significados são estabelecidos pelo homem nas suas relações sociais, estão presentes na cultura. O pensamento é expresso em significados e se realiza através das palavras. Pensamento e linguagem possuem uma relação muito próxima de atuação, sendo a palavra a unidade mínima que os contem. Desta forma, o estudo do significado da palavra pode nos levar a compreender o processo de formação de sentidos do sujeito. VIGOTSKY (1998) desenvolve sua concepção sobre sentido e significado abaixo:

O sentido de uma palavra é a soma de todos os eventos psicológicos que a palavra desperta em nossa consciência. É um todo complexo, fluido e dinâmico que tem várias zonas de estabilidade desigual. O significado é apenas uma das zonas do sentido, a mais estável e precisa. Uma palavra adquire o seu sentido no contexto em que surge; em contextos diferentes, altera o seu sentido. O significado permanece estável ao longo de todas as alterações do sentido (p. 181).

A ação humana é sempre emocionada. Desta forma, quando analisamos o pensamento, o sentido do sujeito não podemos fugir das emoções que estão relacionadas

ao mesmo. O comportamento é orientado por afeto, necessidade, emoção, que não são passivos, mas vão interferir no processo de formação de sentido.

Assim, o pensamento será concebido como pensamento emocionado, a linguagem será sempre emocionada, ou seja, terá como elemento constitutivo a dimensão emocional, expressando uma avaliação do sujeito, ou seja, o sentido subjetivo que determinado fato ou evento tiveram para ele (AGUIAR. 2002: p. 106).

O sujeito possui necessidades, reflexo de uma privação que nem sempre é significada. O sujeito não possui consciência do movimento de constituição de suas necessidades, são não intencionais, se constitui a partir das relações sociais, sendo as necessidades únicas e singulares. “Tal processo só pode ser entendido como fruto de um tipo específico de registro cognitivo e emocional” (AGUIAR e OZELLA, 2006: p. 228).

Segundo os mesmos autores, as emoções determinam a energia gasta pelo sujeito em uma ação, na medida em que constituem estados de desejo e tensão. No entanto, a necessidade não guia a ação do homem, enquanto estão desprovidas de significado. O encontro desta necessidade com um objeto que propicia o alívio e satisfação desta, a significação da necessidade, vai constituir o motivo da ação. O objeto de satisfação da necessidade passa a guiar a ação do sujeito, configurando a necessidade em motivo e provocando modificações no indivíduo, construindo novas necessidades. A necessidade e os motivos geram a atividade e são gerados por ela.

Entender o processo de constituição dos motivos possibilita se aproximar do processo de constituição dos sentidos. O sentido é revestido por emoções, que devem ser exploradas pelo pesquisador. Compreender os motivos da ação do sujeito permite se aproximar da sua subjetividade. “A análise do pensamento pressupõe necessariamente a revelação dos motivos, necessidades e interesses que orientam o seu movimento” (AGUIAR e OZELLA, 2006: p. 227).

Partimos de uma perspectiva de homem construído nas relações sociais, refletindo um momento histórico, que se torna único, singular e histórico, ao mesmo tempo. Desta forma, é importante não restringirmos este estudo a um método empírico ou descritivo, mas sim, nos propomos a uma investigação do fenômeno, de forma construtiva e interpretativa, que permite conhecermos o processo de constituição do sujeito (OZELLA, 2003).

Exploraremos o discurso do sujeito de forma a chegarmos nos processos encobertos. Optamos por desenvolver este estudo de forma qualitativa. No entanto, esta escolha não se deu focada no método, mas sim, voltada para uma compreensão de sujeito. Objetivamos compreender o sujeito, que está em movimento e transformação, em seu processo mais complexo e singular (OZELLA, 2003).

A epistemologia qualitativa permite a compreensão da subjetividade, assim como, um estudo da realidade que é plurideterminada, diferenciada, irregular, interativa e histórica. Isto é possível, pois esta epistemologia não considera somente as variáveis, mas vê o processo como um todo. Através da interpretação qualitativa, podemos dar sentido aos vários elementos encontrados no estudo, que permitem a compreensão do sujeito. Como afirma GONZÁLEZ REY (1999),

Os estudos pelos determinantes qualitativos na psicologia se definem pela busca e explicação de processos que não estão acessíveis a experiência, os quais existem em complexas e dinâmicas inter-relações que, para serem compreendidas, exigem o estudo integral dos mesmos e não a sua fragmentação em variáveis. (p. 54)

Observar e considerar no estudo a relação entre o sujeito e o pesquisador é fundamental pois ambos possuem uma motivação distinta e a interação entre eles irá constituir a relação. Considerar esta relação e os momentos informais no estudo permite que incluamos no mesmo os elementos não previstos, que podem tornar o estudo mais rico, na medida em que pode contribuir para conhecermos as motivações dos sujeitos (GONZÁLEZ REY, 1999).

Desta forma, a opção por uma epistemologia qualitativa nos permite não priorizar a quantidade de sujeitos, a existência de uma amostra representativa, mas sim, focar na qualidade das informações obtidas do sujeito, em busca de uma interpretação e construção de conhecimento, que venha a ampliar a explicação do fenômeno estudado. A escolha dos sujeitos busca responder o problema da pesquisa, na perspectiva materialista dialética. Compreendemos o sujeito como único e singular, e nos interessa chegar em seu processo de produção de significações. Assim, uma generalização dos dados e a utilização de amostras representativas, podem se sobressair a este foco (OZELLA, 2003).

Na perspectiva adotada neste estudo, o pesquisador é ativo, sua atividade possui motivações que não permitem sua neutralidade. HOBBSAWN (1998) afirma que "até o passado registrado muda à luz da história subsequente" (p. 250). A história é um reflexo de

relações sociais, estabelecida em um dado momento e local, e escrita, por sua vez, também em um determinado momento e local, cristalizando-se e alterando-se. Assim, o pesquisador, que constrói e se constrói em um determinado momento histórico, não tem como estudar um fenômeno, sem refletir suas concepções e sua visão da mesma, principalmente quando ele vive o momento do fenômeno estudado, o que ocorre nessa pesquisa.

## **II. 1. Procedimentos metodológicos**

Focaremos nosso estudo no sentido que o jovem possui de si sobre seu potencial de transformação, ou seja, através de seu discurso como ele se vê, capaz ou não, de transformar a realidade. O que possibilitará ampliar a veracidade e o conhecimento dos estudos existentes sobre este tema.

Pretendemos identificar contradições no discurso do sujeito jovem, que nos leve a compreender as motivações que impulsionam seu pensamento e atividades. Os sujeitos possuem necessidades, as quais podem não ser significadas, mas que o impulsionam na busca por sua satisfação. Este encontro, que ocorre nas relações sociais, da origem a um sentido, que é a síntese entre o emocional e o racional (AGUIAR e OZELLA, 2006).

Realizamos uma entrevista com um sujeito jovem, de 24 anos, operador de telemarketing. Chegamos neste sujeito através de um movimento social que visa reivindicar melhores condições de trabalho e mais direitos aos jovens trabalhadores, do qual ele fez parte por um curto período. Procuramos explorar os sentidos do sujeito sobre o trabalho, formas de luta, etc.

Como ferramenta desta pesquisa utilizamos entrevistas. Tal instrumento não é visto como um meio direto ao resultado, mas sim, uma forma de encontrarmos indicadores do processo de constituição de significados do sujeito. Compreendemos que as entrevistas devem ser amplas, para evitar inferências, assim como, recorreremos ao sujeito da pesquisa sempre que houver dúvidas na interpretação da entrevista. Também, as entrevistas sempre serão consideradas dentro do contexto, tanto da fala/narrativa do sujeito, quanto da história de vida e o contexto mais amplo, histórico-social (AGUIAR e OZELLA, 2006).

As falas dos sujeitos serão organizadas, em pré-indicadores, posteriormente em indicadores, para que possamos constituir os núcleos de sentido, de forma a compreender o processo de formação desse sujeito, e o sentido que atribui as possibilidades de transformação social. Desta forma, podemos através do empírico, das contradições do

discurso do jovem, compreender o processo, que gera o singular, as zonas de sentido. (AGUIAR e OZELLA, 2006).

Nossa tarefa, portando, é apreender as mediações sociais constitutivas do sujeito, saindo assim da aparência, do imediato, e indo em busca do processo, do não dito, do sentido. (p. 225)

## II. 2. Análise através dos núcleos de significação

Iniciaremos nossa análise através da formação dos pré-indicadores. Identificaremos na fala do sujeito os elementos que são importantes e se destacam, através da frequência, da ênfase dada pelo sujeito, da emoção manifesta, das contradições e ambivalências, etc. Para tal, é importante a realização de leituras flutuantes da entrevista, de forma que o analisador possa se apropriar da mesma. Chegaremos em muitos pré-indicadores, os quais iremos aglutinar, após retomar a leitura da entrevista, os denominando indicadores. A aglutinação se dará baseada na similaridade, contraposição, ou complementaridade das palavras e conteúdos, este processo pode chegar nas motivações que levam o sujeito a uma ação, como objetivamos (AGUIAR e OZELLA, 2006).

### Pré-Indicadores

- |  |                                    |  |
|--|------------------------------------|--|
| 1. Trabalho por necessidade financeira | 17. Disponibilidade de trabalho    | 31. Psicologia posicionamento político |
| 2. Ter profissão                       | 18. Experiência profissional       | 32. Burocracia                         |
| 3. Diferentes momentos na vida         | 19. Benefícios                     | 33. Alienação                          |
| 4. Questões pessoais                   | 20. Mercado de trabalho            | 34. Prioridade para a faculdade        |
| 5. Visão crítica                       | 21. Trabalho mecânico e robotizado | 35. Posicionamento político            |
| 6. Exploração                          | 22. Amor próprio                   | 36. Atuação política                   |
| 7. Trabalho informal                   | 23. Mediação entre empresa-cliente | 37. Esforço e dedicação                |
| 8. Questionamento                      | 24. Oportunidade                   | 38. Maturidade                         |
| 9. Subordinação, opressão              | 25. Vestir a camisa da empresa     | 39. Sindicato                          |
| 10. Rotina                             | 26. Conformismo                    | 40. Insatisfação                       |
| 11. Psicologia                         | 27. Falta de opção                 | 41. União                              |
| 12. Preparo emocional                  | 28. Preocupação com o emprego      | 42. Acorrentado                        |
| 13. Projeto de vida                    | 29. Medo do diferente              | 43. Relação financeira                 |
| 14. Profissão capitalista              | 30. Liberdade                      | 44. Falta de tempo                     |
| 15. Funcionamento do capitalismo       |                                    | 45. Preguiça                           |
| 16. Telemarketing                      |                                    | 46. Contato político                   |

Segundo estes autores, o contexto é fundamental para compreendermos os indicadores e fazermos a análise do sujeito. Entendemos como contexto o conteúdo global da fala do sujeito, assim como, o momento histórico e social. Desta forma, os indicadores

podem mudar de sentido em diferentes contextos, por isso a análise dos núcleos de significação e a interpretação dos indicadores não podem se dar descontextualizadas. Assim, o diálogo entre o discurso e o contexto, permite a compreensão do indivíduo em sua totalidade.

## Indicadores

<b>Pré- indicadores</b>	<b>Indicadores</b>
1. Trabalho por necessidade financeira 19. Benefícios 28. Preocupação com o emprego 43. Relação financeira	1. Trabalho por necessidade financeira <i>“Trabalho desde os 15 anos, comecei a trabalhar bastante por necessidade mesmo”</i>
10. Rotina 11. Psicologia 22. Amor próprio 34. Prioridade para a faculdade 46. Contato político	2. Realização pessoal <i>“Para a minha felicidade é isso que eu vou fazer, o quanto eu puder eu pretendo continuar carreira, capacitação, até morrer”</i>
5. Visão crítica 8. Questionamento 35. Posicionamento político 15. Funcionamento do capitalismo	3. Visão crítica <i>“Eu sempre questionava, sempre na minha vida (...)a gente está constantemente tentando ter uma visão ampla”</i>
21. Trabalho mecânico e robotizado 25. Vestir a camisa da empresa 26. Conformismo 33. Alienação 44. Falta de tempo 45. Preguiça	4. Alienação e conformismo <i>“Eu ainda tenho um pouco disso, de ser contra, mas hoje em dia eu me coloco como mediador mesmo, eu estou ali em função, também, do salário”</i>
3. Diferentes momentos na vida 4. Questões pessoais	5. Fases diferentes na vida <i>“Eu tive uma fase complicada, uma fase bem complicada”</i> <i>“Naquela época eu queria”</i>
36. Atuação política 37. Esforço e dedicação 32. Burocracia	6. Ação política <i>“Praticar política, assim, eu acho complicado. Eu acho que realmente tem que ter um esforço muito grande”</i>
17. Disponibilidade de trabalho 18. Experiência profissional 20. Mercado de Trabalho 27. Falta de opção	7. (In)Possibilidades de trabalho <i>“Um dia quem sabe, eu tenho o diploma, um dia quem sabe eu vou fazer alguma coisa nessa área”</i>
9. Subordinação, opressão 14. Profissão capitalista 23. mediação entre empresa-cliente 42. Acorrentado	8. Subordinação/submissão <i>“Eu já senti muitas vezes que aquele fio que liga a gente na máquina, naquele momento a gente está preso como se fosse o cavalo no estábulo”</i>
12. Preparo emocional 13. Projeto de vida 29. Medo do diferente 38. Maturidade	9. Estar pronto para se lançar no mundo <i>“Eu sei que eu estou tentando encontrar uma forma de organização minha mesmo, de ter mais maturidade, eu sinto que tem uma parte minha pessoal que tem que ser muito trabalhada”</i>
2. Ter profissão 24. Oportunidade	10. Busca pela profissão <i>“Não me supria uma ânsia que eu tenho de ter um outro tipo de conhecimento”</i>
6. Exploração 7. Trabalho informal 16. Telemarketing	11. Trabalho precarizado <i>“É robotizado o tipo de trabalho, e mecânico, também, onde você vira um papagaio, você repete milhões de vezes a mesma coisa”</i>
39. Sindicato 31. Psicologia posicionamento político 41. União 40. insatisfação	12. Formas de reivindicação <i>“Fazer psicologia é um posicionamento político”</i>

Para que possamos compreender o movimento do sujeito, faremos uma análise intra-núcleos e posteriormente inter-núcleos. Como já afirmamos, a partir somente da aparência do discurso não chegaremos em suas contradições, por isso a importância da análise a partir da articulação dos núcleos (AGUIAR e OZELLA, 2006).

A terceira fase deste processo consiste na inferência e sistematização dos núcleos de significação. Nos núcleos poderemos encontrar elementos de emoção do sujeito, que nos levam a conhecer suas necessidades e motivos, os quais determinam o pensar, agir e sentir desta pessoa e seu processo constitutivo, como afirmam AGUIAR e OZELLA (2006).

### Núcleos de Significação

Indicadores	Núcleos de Significação
5. Fases diferentes na vida 7. (In)Possibilidades de trabalho 4. Alienação e conformismo 1. Trabalho por necessidade financeira	1. Conformismo e adaptação ao sistema possibilitam crescimento individual e benefícios imediatos
3. Visão crítica 6. Ação política 8. Subordinação/submissão 11. Trabalho precarizado 12. Formas de reivindicação	2. A opressão do trabalhador é um inibidor das reivindicações e resulta em perda da autonomia
2. Realização pessoal 10. Busca pela profissão 9. Estar pronto para se lançar no mundo 7. (In)Possibilidades de trabalho	3. Profissão como realização pessoal e intervenção social

Desta forma, partindo da fala exterior do sujeito, tomando a palavra como unidade, nos aproximaremos de sua fala interior e seu pensamento. Em fim, tomamos como objetivo analisar os sentidos produzidos pelo sujeito, jovem trabalhador, a cerca de suas possibilidades de transformação social (AGUIAR e OZELLA, 2006).

## CAPÍTULO 4. PENSAMENTO CRÍTICO E AÇÃO CONFORMISTA: A CONTRADIÇÃO DO DISCURSO

### **Núcleo 1. Conformismo e adaptação ao sistema possibilitam crescimento individual e benefícios imediatos**

Percebemos no discurso do sujeito uma ambivalência sobre o conformismo, na medida em que o teme, mas se sente forçado a aceitar. Leo afirma temer o comodismo, em muitos momentos reafirmando a necessidade de ter uma visão crítica, ampla, entender o funcionamento da sociedade e não ser alienado. No trecho da fala do sujeito abaixo podemos observar uma importância em ser ativo, reivindicar os direitos básicos e um certo temor em perder esta crítica social, o que para ele seria uma acomodação ao sistema.

“Esse contato político, o que eu consegui de ter contato político. Esse ponto de transformação, reivindicação na verdade, eu acho que a gente não reivindica direito o tão óbvio. Eu acho que a gente não reivindica, é comodismo, é isso que eu não quero para a minha vida, é isso que eu não quero perder, eu não quero perder essa visão, eu não quero me acomodar, eu não quero esse tipo de comodismo para a minha vida”.

O sujeito oscila em sua opinião sobre as possibilidades de mudança e transformação, ora querendo se contrapor ao sistema e reivindicar melhoras coletivas, ora se adaptando ao sistema, buscando ganhos pessoais imediatos. Para ele essas são as únicas possibilidades, o que o deixa muito confuso quanto a qual delas escolher, pois uma anula a outra.

“Tem aquela balança, ou eu me entrego logo para o capitalismo e vivo logo essa coisa alucinante que é, mas eu realmente viva isso e incorpore isso, ou não, eu tenho que ou ser absorvido, ou lutar contra”.

Vemos no discurso do Leo uma preocupação de ter ganhos rapidamente. Quando diz “mas eu realmente viva isso”, podemos supor que está se referindo a ter ganhos e conquistas, que superem a perda da possibilidade de se contrapor a empresa. O sentido de se adaptar a empresa, para Leo, é conseguir prosperar na profissão escolhida, a psicologia.

Ele vislumbra a possibilidade de, dentro da empresa que trabalha, seguir para a área de RH.

“No início eu tive problema também com a empresa. De trabalhar na empresa e ser contra, contra o que é feito, contra o tipo de trabalho, o procedimento. Eu ainda tenho um pouco disso, de ser contra, mas hoje em dia eu me coloco como mediador mesmo“.

Leo possui o desejo de ser psicólogo, sendo esse o motivo de sua ação de mediador da empresa. No entanto, Leo descreve ter fases que se incomoda mais com as condições de trabalho que é submetido, em outras aceita em troca dos benefícios que necessita, tentar a promoção. Podemos supor, que esta oscilação que o sujeito descreve se dá devido à contradição que existe entre a necessidade de ser psicólogo e de manter uma postura crítica, não se adaptando a empresa.

A “balança” a que Leo se refere, na qual pesam os elementos que definem estar contra ou a favor do sistema, altera constantemente pendendo sua visão sobre as possibilidades de transformação social para os diferentes lados, como vemos no trecho de sua fala a baixo. Existem fases em que a “balança” pende para a adaptação e outras para a ruptura, porém mesmo quando o sujeito afirma que a “balança” pendeu para a “fase da revolta”, ele não concretiza a ruptura que ameaça.

“Essas fases que digo eu vou trabalhar por que... eu vou fazer bem o meu trabalho para pagar receber no final do mês e pagar as minhas contas. Nessas fases eu não reclamo, eu falo tá bom, tá bom, conformismo. Outras fases não, é meio oscilante mesmo, outras fases me revolta, 'não quero mais, eu vou pedir as contas, se não conseguir outra coisa melhor na empresa eu vou embora, mesmo', em algum momento eu vou”.

Ao longo de sua vida, Leo afirma ter passado por fases e momentos diferentes. Ele conta que durante dois anos não trabalhou e nem estudou e que sentia necessidade de fazer algo, ter uma rotina, “algo que o plantasse”. Podemos supor que esta necessidade de estabilidade esteja presente hoje e que quando afirma buscar respostas a seus anseios, Leo é motivado pela idéia de ter segurança, conhecer a sociedade que o rodeia, os riscos e possibilidades. Desta forma, mesmo que Leo queira ser crítico e ter uma “visão ampla”, uma atuação política coletiva que se contraponha à empresa, é pouco seguro e estável, pois são incertas as possibilidades de ganhos de benefícios e conquistas. Podemos supor,

então, que Leo não efetiva a ação política prática, pois esta não lhe proporciona segurança e ele não possui confiança nesse tipo de ação.

Leo vê-se tensionado para aproveitar as possibilidades oferecidas pela empresa, de benefícios individuais. Para Leo o sentido de realização pessoal, que lhe proporcionaria prazer, está relacionada ao exercício da psicologia, por isso tenta se aproximar de setores que possuem ligação com a psicologia. No trecho abaixo vemos que a contradição entre se adaptar ao sistema ou ser contra ele é resolvida com a possibilidade de atuação na psicologia.

"(...)eu estou ali em função, também, do salário, do piso, eu preciso do salário e como agora eu trabalho em uma empresa que é muito grande eu sei que tem áreas que são ligadas à psicologia na própria empresa, que aí hoje em dia eu tento na própria empresa ir para essas áreas, que é treinamento e desenvolvimento, é um tipo de experiência que eu posso ter, não que seja também o meu objetivo”.

Podemos observar, também, nesta fala, a necessidade de estabilidade financeira. Ou seja, permanecer trabalhando, pois precisa de dinheiro para pagar suas contas e manter sua vida estável, enquanto seu desejo é atuar na área de psicologia. Podemos supor que este seja um impedimento para Leo reivindicar melhoras trabalhistas, pois se contrapor aos interesses da empresa ameaça a manutenção do trabalho, mesmo que em outras partes da mesma entrevista ele afirme não temer uma demissão. Podemos observar que Leo se descreve incorporado na empresa, seu papel é de mediador, entre a empresa e o cliente e nestes momentos o sujeito está absorvendo o discurso da empresa.

Uma característica do mercado de trabalho hoje é tentar “mascarar” as diferenças de classe, implicando e comprometendo os trabalhadores com o resultado e produção da empresa, passando a falsa idéia de horizontalidade nas empresas, onde todos possuem voz e tem vantagens com o crescimento da empresa. Esse discurso que as empresas utilizam para “iludir” os funcionários vem acompanhado das metas (quem trabalha mais ganha mais), do trabalho em grupo, em que um funcionário cobra do outro, ao invés do supervisor, entre outras formas perversas de fazer os funcionários trabalharem mais, sem perceber e contestar (BERNARDO, 2006).

Assim, as empresas buscam formas de adaptar os funcionários as suas demandas, que visam maior produção e rentabilidade. No caso de Leo, vemos que ele assume para si o papel de “testa de ferro” da empresa, deixando de se contrapor às coisas que não

concorda na empresa devido à possibilidade do “processo seletivo interno”, em que os funcionários “podem” ser promovidos e mudarem de cargo, o tem seduzido. Esta é uma tática de muitas empresas, que se utiliza do desejo dos funcionários de um cargo melhor para mantê-los “alinhados” a ela, segundo BERNARDO (2006).

“Hoje em dia eu tenho mais essa visão, eu tive que para chegar mais perto das pessoas envolvidas, eu tive que ser mais assim... vestir, entre aspas, a camisa da empresa. Eu tive que fazer isso, por que eu tive que mostrar para eles que eu estou a fim, eu tenho que passar para eles que eu gosto de trabalhar lá, que eu quero trabalhar lá, não é fácil, não é fácil fazer isso, mas é uma forma de ter mais experiência, uma forma de fazer o salário aumentar, é uma maneira”

O sujeito tem consciência de que está se adaptando aos interesses da empresa, correspondendo suas expectativas, para conseguir melhores condições de trabalho para ele. Leo afirma “ter que” agir desta maneira, o que mostra que para ele é uma obrigação, algo que não lhe traz prazer, mas que não pode deixar de fazer. Quando diz que “vestir, entre aspas, a camisa da empresa”, vemos que ele não concorda com a empresa, mas fingi concordar. É uma possibilidade de obter benefícios individuais, mesmo que não seja fácil para ele. Leo veste a “fantasia de funcionário ideal”, que é motivada pela possibilidade de promoção. Vemos que sua necessidade de trabalhar na área de psicologia é maior que outras necessidades que Leo apresenta, como ser crítico. Leo demonstra uma enorme contradição entre o pensar e o agir, pois faz uma análise crítica de seu ambiente profissional, mas atua em prol de sua manutenção, confirmando e legitimando o discurso da empresa.

Diz que “Hoje em dia eu tenho mais essa visão”, referindo-se a adaptar-se para conseguir a promoção. Podemos supor que o fato que alterou a “visão” de Leo e proporcionou a ressignificação nas possibilidades de transformação, tenha sido o ingresso na faculdade de psicologia, que ocorreu neste ano e lhe colocou em contato com uma série de conhecimentos, que podem ter significado sua necessidade. Como mostram AGUIAR e OZELLA (2006).

A possibilidade de realizar uma atividade, que vá na direção de satisfação das necessidades, com certeza modifica o sujeito, criando novas necessidades e novas formas de atividade. (...) Este movimento se define como a configuração das necessidades em motivos. (p. 8-9)

Podemos supor que para ele esta possibilidade, de se adaptar a empresa, seja mais vantajosa, rápida, do que se contrapor a ela e tentar transformações e conquistas coletivas. Podemos pensar, também, que a “balança” de Leo sempre cai para o conformismo devido à necessidade de trabalhar para garantir sua sobrevivência e estabilidade financeira. Ele afirma que sente necessidade de possuir uma rotina, que lhe proporcione segurança. Segundo MARTINS (2001), a situação da juventude é de enorme instabilidade, já que são a maioria dos desempregados, dos trabalhadores no mercado informal, do setor de serviços e comércio, que são os mais precarizados e com grande rotatividade. A realidade de Leo não foge à da maioria dos jovens, ele trabalhou como vendedor em shopping, officeboy, operador de telemarketing, que foram os trabalhos que conseguiu.

No telemarketing, em especial, onde Leo trabalha atualmente, a rotatividade dos funcionários é a maior entre as categorias, o que mostra NOGUEIRA (2006). Leo afirma em vários momentos que trabalha por conta do salário, precisa pagar a faculdade e sabe que é difícil conseguir trabalhos que paguem um salário melhor, como podemos observar abaixo.

“(...) eu não tenho medo ainda de perder o emprego, eu não tenho medo, eu sei que tenho capacidade de conseguir outro emprego, mas muitas vezes pelo salário aí eu acabo pensando, repensando de ficar mais um pouco até conseguir uma coisa melhor, até sair fora”.

Mesmo afirmando não temer perder o emprego, mostrando uma resistência em relação às imposições da empresa, como se não deixasse de reivindicar mesmo diante da ameaça da empresa demiti-lo, percebemos uma contradição, pois sua ação é motivada pela necessidade da estabilidade financeira, que depende diretamente deste trabalho. Como vemos em AGUIAR e OZELLA (2006) o sujeito possui necessidades que nem sempre são significadas. Quando a necessidade passa a ser consciente, o objeto que proporcionou sua satisfação tornasse o motivo de sua ação. Mesmo sem sustentar efetivamente o que diz, sobre não temer perder o emprego, Leo faz tal afirmação para mostrar que é crítico.

O discurso de Leo é repleto de contradições, pois sabe que está acomodado e adaptado a empresa e afirma não querer isso para sua vida. No entanto, Leo não se mostra

inquieto para alterar essa situação. Quando indagado se gosta de seu trabalho, Leo responde que o trabalho lhe oferece o que ele necessita, um salário suficiente para pagar sua faculdade e a possibilidade de atuar em uma área da psicologia.

Com isso, podemos supor que o sentido de ser crítico para Leo está relacionado à compreensão da sociedade, que lhe proporciona saber os papéis sociais e a lógica a que ele está inserido. Para Leo, conhecer as relações de exploração e opressão a que o trabalhador está submetido, já é suficiente. Saber que ele está neste lugar, de explorado, satisfaz sua “ânsia por conhecimento”, pois lhe proporciona a segurança de “conhecer” o que vai ocorrer.

## **Núcleo 2. A opressão do trabalhador é um inibidor das reivindicações e resulta em perda da autonomia**

O sentido de exploração para o sujeito se baseia na falta de autonomia, imposição e subordinação do trabalhador, baseado em uma hierarquia. Para ele a exploração reflete em um trabalho robotizado e mecânico, em que o sujeito não pode exercer sua criatividade e trabalhar livremente, mas sim, deve seguir a risca as orientações e instruções.

“Por exemplo, a gerente da loja que eu trabalhava, era subordinada á dona de uma loja de uma rede de lojas e o comportamento era como se a loja fosse dela. Ela era bem autoritária, “você tem que falar deste jeito, você tem que mover desta maneira” e isso me irritava completamente, ainda mais que era um pouco mais novo, me irritava muito. Aí eu acabava ficando constrangido... e era assim uma imposição, não era “faz assim que é melhor”, normalmente com arrogância, esse tipo de situação”.

Referindo-se a empresa que trabalha atualmente, de Call Center, afirma que ele é um “testa de ferro”, pois fala em nome da empresa perante aos clientes. Leo diz se sentir um “papagaio”, pois necessita seguir a padronização do atendimento, repetindo as mesmas informações, na mesma seqüência. Fala com 30 a 50 pessoas por dia e muitas vezes deve ludibriar o cliente, pois não tem como resolver seu problema.

“(...) um trabalho muito mecânico, muito robotizado, tudo que eu fugi a minha vida inteira... é robotizado o tipo de trabalho e... mecânico também, onde você vira um

papagaio, você repete milhões de vezes à mesma coisa, todos os dias, é um procedimento... a gente também é testa de ferro para a empresa”.

Observamos que a atividade que Leo tem que desempenhar lhe provoca uma repulsa, um sentimento de mal-estar e desconforto, quando diz que sempre fugiu de trabalho mecânico. O sentimento de repulsa gera uma necessidade de ruptura com o trabalho e não de transformação do mesmo. Leo busca realização pessoal e profissional, no entanto, na medida em que lhe é imposto o que fazer e falar, o sujeito perde sua autonomia e liberdade para criar, não explorando suas potencialidades. Na fala a cima, Leo reproduz na forma de seu discurso o que diz repudiar, que é repetir a mesma coisa. Vemos que, neste trecho, Leo se emociona, repetindo várias vezes, sua indignação com o trabalho mecânico e robotizado. Podemos supor que Leo está interiorizando em sua fala a atividade que desenvolve repetidamente em seu cotidiano (VIGOTSKY, 1988).

As emoções constituem os sentidos subjetivos dos indivíduos, através delas podemos nos aproximar desta singularidade do sujeito, por isso as emoções são comunicativas e possuem uma natureza social, como afirma VIGOTSKY, “(...) se constituem numa linguagem, cujas mensagens podem tanto desencadear o desenvolvimento da consciência como fragmentá-la” (Apud, AGUIAR, 2002: p. 106).

O sujeito conta que muitos dias não sente vontade de trabalhar, não quer falar com ninguém. Porém, não pode faltar ao trabalho, pois lhe é descontado o dia. Somente portando atestado médico ele recebe o pagamento referente a este período, mas não o vale transporte e o vale refeição. Se mantêm indo ao trabalho cotidianamente, para suprir suas necessidades básicas, uma vez que precisa do dinheiro. Leo se emociona ao falar sobre suas atividades profissionais, esta emoção é negativa e gera repulsa a suas tarefas profissionais. Como afirmam AGUIAR e OZELLA (2006), as emoções podem propiciar ações ou paralisar o sujeito, no entanto tais emoções de Leo não lhe paralisam e não lhe impede de trabalhar, o que mostra que sua necessidade de sobrevivência é maior.

“(...) a empresa quer produção, está preocupada com o lucro, se você está bem é problema seu, se você não está também o problema é seu. O máximo que da para fazer é quando você está muito debilitado, por que as vezes afeta a saúde, aí você vai no medico pega um atestado, é o máximo que da para fazer e fica em casa, e olhe lá se o medico achar mesmo que você está precisando, se ele achar que não você vai trabalhar também.”

Podemos observar que o sujeito avalia que os funcionários estão em um plano inferior, segunda a visão do empregador, aos lucros da empresa, que é pouco compreensiva com seus problemas e necessidades. Segundo ele, muitas vezes sua saúde é afetada pelo ritmo de trabalho, que é repetitivo, pouco criativo, muito mecânico, como podemos ver no trecho a baixo, em que Leo afirma ter que ser como uma máquina. Mais uma vez vemos que ao assumir o “papel” da máquina, Leo abre mão de sua subjetividade, o que compromete sua saúde e lhe esvazia de sentidos de transformação da realidade.

“(…) você tem que estar ali, muitas vezes você tem que fazer horas extras, você tem que trabalhar bastante com essa política deles de ser um trabalhador incansável, de ser uma máquina.”

As queixas que Leo faz de seu atual trabalho e dos anteriores não se distancia da realidade da maioria dos trabalhos no setor de serviços e comércio, onde predominam os jovens. Em geral, eles são super-explorados, possuem um trabalho muito stressante e cansativo, enquanto recebem um salário suficiente para pagar somente as contas básicas, como vemos em MENESES (2007). Leo afirma se sentir oprimido em seu trabalho, preso a ele em uma relação que não possui autonomia e condições de transformação, como vemos a baixo.

“Eu acho que... por exemplo, realmente a gente se sente oprimido, os trabalhadores do telemarketing a gente acaba... eu já senti muitas vezes que aquele fio que liga a gente na máquina, naquele momento a gente está preso, como se fosse o cavalo preso no estábulo, nossa!”

Desta forma, desprovido de potência, distante de seus desejos e satisfações, em uma situação que pouco gera prazer e menos ainda, os funcionários se sintam produtores de algo, é compreensível a pouca organização coletiva que existe entre eles para reivindicarem seus direitos. MARX (2003) mostra como o trabalhador que se implica em seu trabalho perde parte de si, na medida em que não se apropria do produto de sua força de trabalho.

O trabalhador põe a sua vida no objeto; porém agora ela já não lhe pertence, mas sim ao objeto. Quanto maior a sua atividade mais o trabalhador se encontra objeto. O que

se incorporou no objeto de seu trabalho já não é seu. Assim, quanto maior é o produto, mais ele fica diminuído. (p . 112)

Vemos historicamente, em MARTINS (2001), que as empresas e fábricas buscam formas de alienar seus funcionários, retirar-lhes sua autonomia e potência, uma das maneiras de combater a organização e reivindicação dos trabalhadores por melhores condições de trabalho e de potencializar os seus lucros. Hoje não é diferente, porém as empresas inovam seus métodos de alienação, muitas vezes se apropriando das reivindicações dos trabalhadores.

Alguns teleoperadores da empresa em que Leo trabalha acham normal esta situação, pois além de ser a possibilidade de sobrevivência que conseguiram, mediante a falta de oportunidades melhores para os jovens, também, não conhecem formas de alteração desta realidade, que possuam significado de serem viáveis. Porém, muitos estão insatisfeitos com as condições de trabalho, mas nada fazem para alterá-las. Leo afirma que as pessoas reclamam muito, mas que não existe união para transformar essa situação.

“Você se sente mesmo um fio que está lá na sua cabeça ligado aquela máquina preso, como se fosse acorrentado e oprimido, eu acho que essa opressão dificulta das pessoas efetivarem alguma coisa, sabe? Inclusive são reclamações que acontecem entre amigos. Eu tenho uma amiga minha, uma amiga de lá, que a gente reclama muito, entendeu? Reclama, reclama, reclama, mas eu não consigo observar uma união, uma organização das pessoas para ir contra (...)”

Mesmo que os jovens não estabeleçam uma ação reivindicatória, como sua fala de insatisfação, sabemos que o sentimento de decepção e desgosto com a empresa são preliminares para a existência de lutas que revertam esta situação. Assim, mesmo que hoje não vemos uma organização dos trabalhadores, existem indícios que indicam que ela pode vir a existir, como os “elementos espontâneos”, a necessidade, movida por emoções de revolta e indignação, de transformação. Os trabalhadores movidos por emoções de descontentamento desenvolvem atividades de ataque á empresa, mesmo que individuais, como faltar ao trabalho, quebrar os aparelhos, derrubar as ligações, que podem motivar sua ação, ampliando sua consciência para uma compreensão da luta de classes, como aponta LÊNIN (1978).

Isto nos mostra que o “elemento espontâneo”, no fundo, não é se não a forma embrionária do consciente: os operários perdiam a sua crença costumeira na perenidade do regime que os oprimia. (p. 24)

Podemos supor que o sentido constituído pelo sujeito de transformação social está relacionado, o que podemos observar no trecho de sua fala citado anteriormente, com a união e organização dos trabalhadores, os quais são determinantes para transformar as condições existentes. Por outro lado, afirma em outro trecho de sua fala, que exigir de verdade é entrar com processos judiciais rapidamente quando necessário. Na fala abaixo, observamos que para Leo “é realmente exigir”, dar respostas rápidas aos ataques sofridos e desenvolver um processo judicial.

“A universidade não foi coerente eles tacam um processo. Então, isso que é realmente exigir, ter uma exigência maior.”

Assim, o sentido de transformação para o sujeito ora está relacionado à luta direta dos trabalhadores e ora à luta judicial, baseada nos direitos legais. Vemos a importância de analisarmos a fala, unidade do pensamento, dentro do contexto geral da fala do sujeito e do contexto social e histórico (AGUIAR e OZELLA, 2006). Leo refere-se a formas diferentes de reivindicar, quando o espaço social é distinto. Na universidade ele reivindica o processo judicial, como forma de “realmente exigir” e no trabalho a união dos funcionários.

Leo também se inclui no grupo das pessoas que reclamam, mas não se movimentam para alterar a situação negativa, o que aponta uma contradição, já que ele apresenta uma grande preocupação em ter uma visão crítica das coisas, compreender o funcionamento do sistema capitalista. Em muitos momentos de sua entrevista, Leo se vangloria por ser crítico, por ter possibilidade hoje de entender a lógica e o funcionamento da sociedade, temendo perder isto, que chama de posicionamento político.

No entanto, Leo diz ser difícil sustentar uma ação política, uma prática cotidiana. Para tal, Leo acha que é necessário um grande gasto de energia, pois implica em ir na contramão do sistema. Compreendemos que sustentar uma prática política coletiva, como diz Leo, implicaria em, além de gastar muito energia, abrir mão dos benefícios individuais, como a possibilidade de ser promovido, que parece ser uma mudança pessoal positiva com um gasto de energia menor. Assim, vemos que Leo é motivado pela promoção de cargo.

“Então, é uma balança difícil, é difícil porque o capitalismo é o que existe, é a realidade e lutar contra, é a minoria. Então, eu acho mesmo que a energia que eu vou precisar, eu não vou poder me contentar com 50% eu vou precisar de 100%, eu vou precisar de toda a energia possível para fazer parte da minoria, então... Mas, eu ainda não desisti.”

Leo pensa que, para a minoria, conseguir se sobressair na sociedade, que o capitalismo prevalece, demanda um esforço muito grande individual de cada um, além de suportar as dificuldades e frustrações, como vemos em sua fala a baixo. Podemos supor que as dificuldades e possibilidades grandes de decepções gerem emoções que paralisam a ação transformadora, do Leo.

“Agora, praticar política, assim, eu acho complicado, eu acho realmente tem que ter um esforço muito grande, uma demanda, também, muito grande, a pessoa, ela vai ficar sujeita a stress, frustrações, decepções, você entende? Não só isso...”

Leo afirma que, para ele a profissão de psicólogo é um posicionamento político, por isso buscará trabalhos relacionados à área social. Assim, sua pouca ação política coletiva é explicada devido à prioridade que da a faculdade e a grande importância que a psicologia tem em sua vida. O sentido de transformação social para Leo fica relacionado à atuação como psicólogo.

“Eu adoto para mim que fazer psicologia é ter um posicionamento político, para mim. Agora, as questões de partidos políticos são assuntos que eu sou alienado, eu tenho medo de política. (...)

Eu me sinto mesmo alienado. Tem a questão da falta de tempo, e um pouco de preguiça, eu não vou negar. Eu não vou negar que eu acho que da pra fazer mais, da para me engajar mais. Não só preguiça, existe. Eu dou muita prioridade para faculdade, muita, muita, muita mesmo, por que é a minha razão de viver, sabe?”

Leo participou de outros movimentos sociais, pelo acesso a universidade e pelos direitos da juventude trabalhadora, mesmo que afirme ter medo de política e burocracia. Estes movimentos que Leo participou estavam ligados diretamente a sua realidade cotidiana, que reivindicavam demandas necessárias para Leo, como a permanência na Universidade e condições mais dignas de trabalho. Desta forma, podemos supor que o sentido de partido e luta coletiva para Leo seja de estruturas muito complexas e

inacessíveis, como chega a afirmar que se acha alienado para isto, pois estão muito longe de sua realidade. As reivindicações e propostas dos partidos não dialogam com as necessidades de Leo, permanecendo abstrato para ele, que não conseguiu se identificar e se apropriar, achando burocrático.

Também, o sindicato possui um sentido para Leo de pouca eficácia na resolução dos problemas dos trabalhadores, não sendo uma possibilidade concreta de atuação. Diz que sempre que está se envolvendo com alguma organização política sente-se repellido. Justifica este fato com o pouco contato com a política que teve ao longo de sua vida e a falta de um modelo de referência (AGUIAR e OZELLA, 2006).

“Eu me sinto muito alienado para esse lado da política, muito distante. Realmente..., sabe? As vezes eu penso é um mundo muito distante, muito inacessível. Lógico que tem dias que a gente acorda falando, “não, tem alguma função tem que existir, tem que...” Muitos dias eu acordo assim. Não sei... é algo um pouco difícil pra mim, um pouco difícil, como se algo distante, ou um pouco chato, é uma mistura de sentimentos, uma mistura. É raro você conversar com alguém sobre política que realmente tenha um pensamento favorável, sabe?”

Vemos que para Leo uma atuação política em alguma organização está muito fora do seu mundo, das suas experiências de vida. Mesmo que se indigne e deseje transformações, não vislumbra possibilidades de transformações coletivas, já que não encontra em seus espaços sociais pares que pensem como ele, que tenham uma visão crítica e um desejo por mudanças.

Compreendemos o significado como sendo "conteúdos instituídos, mais fixos, compartilhados, que são apropriados pelos sujeitos, configurados a partir de suas próprias subjetividades" (AGUIAR e OZELLA, 2006. p. 226). Na fala a baixo de Leo, vemos que para ele existe uma grande falta de significados na sociedade sobre a luta coletiva, do que seria o necessário para a construção de lutas contra às contradições de classe.

“É claro também que a sociedade não estimula muito. Eu levei isso até para a terapia uma vez, a minha terapeuta falou assim “nesse momento eu acho que essa parte você vai ter que descartar” (risos). Por que, eu estava muito cansado, muito reclamando, “trabalho, faculdade, aí eu quero me envolver politicamente com alguma coisa, com o diretório acadêmico da faculdade”, ela falou “olha você vai ter que eliminar algumas coisas”, entendeu?”

Leo afirmou ter se deparado com a necessidade de optar e priorizar suas tarefas, devido à sobrecarga de ações que estava desenvolvendo. Nesta situação a primeira atividade que foi impulsionado a escolher para eliminar foi a atuação política no Diretório Acadêmico. Assim, mesmo que não repudiada socialmente, a luta coletiva é sempre colocada em segundo plano, não sendo uma prioridade imediata, pois é algo longe e abstrato.

Vemos que a situação de opressão e exploração que existe hoje nos trabalhos precarizados, acarreta em sujeitos desprovidos de potência transformadora. Na maioria dos trabalhos onde estão inseridos os jovens, o sentido de trabalho atual está relacionado à sobrevivência. Isto se dá devido à utilização dos jovens como mão de obra barata, que possibilita os capitalistas a aumentarem e potencializarem seus lucros. Desta forma, assim como Leo, quando estes jovens tentam construir algo, produzir benefícios e satisfações, o fazem fora do local de trabalho, o qual permanece um espaço obrigatório somente para a sobrevivência, segundo DAYRELL (2003).

A alteração desta situação, em que os jovens trabalhadores são destituídos de sua autonomia e “liberdade de reivindicação”, já que também os sindicatos, no passado usados como meio de transformação, hoje em sua maioria estão atrelados aos donos das empresas, é uma situação desafiadora da nova geração, que mesmo “acorrentada”, não se cala e não se rende. A saída de Leo é buscar uma atuação enquanto psicólogo, outros jovens buscam saídas, em geral individuais, de maneiras distintas, mas que pouco provocam transformações sociais.

### **Núcleo 3. Profissão como realização pessoal e intervenção social**

Detectamos no discurso do sujeito que ao longo de sua vida existe uma busca por respostas, ora sobre qual profissão seguir, ora sobre o funcionamento da sociedade, oras sobre um auto-conhecimento e auto-controle.

“Eu vim de um processo de auto-descoberta, se posso dizer assim. Até sobre a escolha da profissão esse tipo de situação. Quando eu era mais novo eu tinha muitas dúvidas do que fazer profissionalmente. Aí eu fui trabalhando e tentando descobrir o que era a minha praia, a minha vocação. Aí eu trabalhei em vários lugares (...).”

Leo trabalhou em diferentes empresas e categorias, como shopping, officeboy, telemarketing, consultório dentário, etc. Possui três formações, que fez na busca de algo que lhe respondesse suas ânsias, como afirma. Tem dois cursos técnicos completos, em processamento de dados e enfermagem e está cursando superior em psicologia atualmente. Leo não se identificou muito com as profissões estudadas nos cursos técnicos, no entanto concluiu ambos, pois queria ter possibilidades diferentes de atuação profissional, para ter mais segurança de que não ficaria desempregado.

Para Leo estar desempregado significa não ter uma rotina, ausência de estabilidade e segurança. Podemos supor que esta necessidade de Leo de ter estabilidade seja um reflexo da flexibilização e reorganização do mercado de trabalho, que proporcionam uma situação de insegurança para os jovens MENESES (2007). Segundo a pesquisa Data Folha sobre o perfil da juventude brasileira, a principal preocupação dos jovens hoje é conseguir um emprego, mesmo que seja uma vaga precarizada (FREIRE, 2008).

“Aí comecei a falar com as minhas professoras e elas falavam “você vai fazer enfermagem?”, não vou fazer psicologia, “então o que você está fazendo aqui?”, “agora que eu comecei vou terminar”, só para não deixar no meio, e um dia quem sabe, eu tenho o diploma, um dia quem sabe eu vou fazer alguma coisa nessa área.”

Para Leo essas profissões estudadas nos cursos técnicos e desenvolvidas na prática não lhe permitiam entender o comportamento das pessoas e o funcionamento da sociedade, como afirma a seguir.

“E não me supria uma ânsia que eu tenho de ter um outro tipo de conhecimento. Aí quando eu cheguei na faculdade além do conhecimento do ser humano, tive antropologia, sociologia, até agora eu sinto que tenho uma visão maior. Hoje em dia eu entendo algumas coisas que quando eu trabalhava no shopping eu pensava ‘não entendo algumas coisas sobre o funcionamento do capitalismo’ (...)”

Para Leo, a psicologia lhe oferece “ferramentas“ para compreender a sociedade, as relações humanas e a subjetividade dos indivíduos. Mesmo só tendo completado um ano na faculdade de psicologia, Leo sente-se que está se realizando e para ele o sentido de continuidade do curso é obter um lugar na sociedade.

Afirma que teve diferentes fases na vida, algumas muito difíceis e que ainda não se sente maduro, precisa trabalhar muitas questões pessoais. Vemos que as dificuldades enfrentadas nessas fases mais difíceis estão relacionadas ao contato com novas experiências as quais não sabia como lidar, que lhe assustavam.

“Então, eu brigava com meus pais, mas era uma forma de revoltas, que nem era com eles, era essa fase de transição, medo, medo do diferente, e com o que eu me deparava fora de casa, o que a vida trás para a gente, experiência, então foi complicado para mim. Então, foi fase de brigar muito (...)”

Leo não se sente confiante em suas experiências e precisa buscar segurança, conhecer a sociedade e o funcionamento das relações que estabelece, para que não se sinta ameaçado. Ter uma rotina lhe proporciona segurança, por poder “prever” e tentar controlar os acontecimentos, como se o “plantasse no chão”, como diz. Ainda não superou seu problema com alcoolismo e às vezes “se permite”, beber e se libertar, mesmo que ilusoriamente.

“(...) hoje ele (seu pai) não bebe mais, já há muitos anos, eu ainda estou no processo, estou no processo das prioridades. Tem época que eu... por exemplo eu ainda me dou o direito de pensar foda-se tudo, não quero saber de nada... de ter alguma libertação... é ilusório, por que muitas vezes eu transfiro isso para a bebida alcoólica. É ilusório, mais é algo que... de repente depois que aquilo passa você pensa, alguma coisa aconteceu, alguma coisa aconteceu. (...)”

Vemos que Leo passou por diferentes experiências e que sua vida teve várias fases e momentos conturbados. Trabalhou em diferentes lugares, com os quais não se identificou, pois afirma serem trabalhos mecânicos e robotizados, em que tinha pouca autonomia para desenvolver suas potencialidades. Podemos supor que os trabalhos precarizados em que Leo trabalhou, devido à alta rotatividade de funcionários e instabilidade, tenham contribuído para a sua busca de segurança (NOGUEIRA, 2006). Estas experiências profissionais se deram entre diferentes fases de dificuldades. Tantas turbulências na vida do sujeito, nos leva a supor que o Leo necessitava de algo a se apoiar, de significação e respostas as suas necessidades, que lhe “plantasse no chão”, o que vemos abaixo (AGUIAR e OZELLA, 2006).

“Eu dou muita prioridade para faculdade, muita, muita, muita mesmo, por que é a minha razão de viver, sabe?”

“(…) é realmente o meu projeto de vida, concluir a faculdade, tentar essa área ao máximo, vou morrer tentando fazer algo nessa área”

Percebemos que colocando a faculdade de psicologia no lugar de prioridade, ela pode ser a motivação de suas ações, que passam a ser significadas, o que pode diminuir a busca por esta libertação ilusória (AGUIAR e OZELLA, 2006). Leo deposita no curso de psicologia e nesta profissão uma esperança de encontrar respostas para seus anseios. Assim, compreender melhor as relações sociais, o que para Leo está relacionado ao sentido de estabilidade e segurança.

Observamos que para Leo a psicologia lhe proporciona realização pessoal. A qual lhe oferecerá respostas que lhe auxiliaram em seu amadurecimento pessoal. Diz não se sentir pronto para se lançar no mundo, o que utiliza para justificar a pouca atuação em organizações política. Justifica que deve amadurecer antes de lutar, como vemos a baixo. Ao não se sentir maduro e preparado para a ação crítica, Leo demonstra possuir o sentido de juventude como uma fase de moratória, de preparo para a vida adulta e inserção na sociedade. Na medida em que a juventude é um "vir a ser", o presente do jovem é só um preparo e suas potencialidades e necessidades não são consideradas, como afirma ABRAMO (2005).

“A idéia é... é um pouco subjetivo, por que você tem a si mesmo para se trabalhar, você tem que... eu penso assim, eu tenho várias questões pessoais e individuais para serem entendidas, para serem trabalhadas e centralizadas(…)”

Vemos assim, que Leo adia a luta direta, a ação política, para quando for psicólogo, se formar na faculdade. Para ele o sentido da profissão de psicólogo não só é de realização pessoal, mas também de atuação e transformação da sociedade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da história vemos manifestações e reivindicações em prol dos direitos, principalmente quando ocorrem mudanças na economia e produção do país, em que as contradições de classe ficam mais explícitas (IASI, 2005). As lutas que foram mais vitoriosas são aquelas em que os trabalhadores se organizaram coletivamente, interrompendo a produção, com as greves, ou mesmo chamando a atenção da sociedade, com passeatas, etc. No entanto, essas não são a única forma de lutar.

A partir da década de 1960, com a experiência de “maio de 68” novas bandeiras se somaram às reivindicações sociais, como a igualdade de gênero, racial, o respeito à diversidade sexual, direitos da juventude, etc. Principalmente a partir da década de 1980/1990 os movimentos ditos específicos e setoriais se institucionalizaram, adentrando as secretarias dos partidos, ou transformando-se em ong’s (MESQUITA, 2006).

Os jovens hoje não se identificam com as formas de luta, que marcaram o final dos anos 1970 e início dos anos de 1980. Não sentem-se representados pelos sindicatos, que não possuem bandeiras que dialoguem com as demandas dos jovens e nem estratégias para atraí-los. A geração que hoje é jovem não vivenciou esse processo de lutas das décadas passadas e não presenciaram vitórias e conquistas coletivas, não tendo por isso modelos e referências de luta, como MARTINS (2001).

Junto com a falta de modelos reivindicatórios, os jovens são “bombardeados” pela mídia e demais instituições do sistema capitalista, por diferentes mecanismos de alienação. Como por exemplo, a necessidade de satisfação imediata de seus desejos, do prazer sensorial, de consumir para ser inserido na sociedade. São elementos que mostram a juventude sendo educada para manter a ordem e sustentar a estrutura de exploração e enriquecimento de alguns (COSTA, 2004).

A inserção no mercado de trabalho deste sujeito em formação também é feita de forma perversa, sem respeitar as demandas e necessidades do sujeito, assim como, seu processo de amadurecimento e desenvolvimento, como sujeito único e histórico. O jovem ocupa as piores vagas, para as quais o salário é pouco e o trabalho penoso, no setor de comércio e serviços e no trabalho informal, como mostra MARTINS (2001).

Assim, o jovem não se apropria do seu trabalho, não o vendo como um espaço em que possa criar e desenvolver suas potencialidades. Em geral, o trabalho é visto como um obstruidor do lazer e das atividades que o jovem se identifica, consumindo seu tempo. Os

jovens vão buscar diferentes maneiras e espaços para vivenciarem sua juventude, como nos grupos/ estilos musicais e ou no “crime” (DAYRELL, 2003).

No entanto, mesmo considerando o trabalho como alheio a ele, muitos jovens percebem as contradições existentes na relação de produção. Eles ganham pouco pelo muito trabalho desenvolvido, reclamam das condições e relações de trabalho, etc. Muitos desenvolvem ações individuais de contestação à empresa, como faltar, se demitir, fazer o trabalho “mal feito”, entre outras formas.

Para que os jovens e os trabalhadores possam reivindicar, de forma direta e consciente, por melhores condições de vida, é necessário primeiro que percebam e se indignem com a exploração sofrida. Assim podem significar e ter consciência da situação existente e dos interesses de classe. Vemos que esse elemento espontâneo de revolta e indignação é fundamental para a motivação da ação transformadora, segundo LÊNIN (1978).

Hoje o mercado de trabalho e a organização produtiva e das relações sociais são bastante distintas dos momentos anteriores. Porém, vemos que a essência do funcionamento do sistema sócio-econômica se mantêm, em que uma minoria detêm a maior parte da riqueza, enquanto a manutenção da produção econômica e dos setores de serviço e comércio, se dá pela maioria da população, que vende sua força de trabalho. Atualmente existem novas formas de potencializar os lucros, como as terceirizações, o call center, que busca o cliente e trabalha para mantê-lo, etc. (NOGUEIRA, 2006). Novas formas de alienação dos trabalhadores e dos jovens também são implementadas.

Não podemos negar todas as formas de luta e de transformação que existiram no passado, mas sim aprender com os erros e acertos. No entanto, os jovens só vão se organizar e reivindicar seus direitos quando isto fizer sentido para eles, quando vislumbrarem possibilidades de mudança e se perceberem como “responsáveis” por essa transformação. Para que possamos estabelecer novas formas de manifestação e contestação, que leve a nova geração de trabalhadores a obter conquistas é necessário aprender com o velho, para que o novo possa nascer.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Helena Wendel. “O uso das noções de adolescência e juventude no contexto brasileiro”. In: FREITAS, Maria Virgínia de Freitas. *Juventude e adolescência no Brasil: Referências conceituais*. São Paulo: Ação Educativa, p. 19 - 35. 2005

ABREU, Ricardo. “75 anos de fundação da Juventude comunista do Brasil”. In: [http://www.vermelho.org.br/museu/principios/anteriores.asp?edicao=67&cod\\_not=212](http://www.vermelho.org.br/museu/principios/anteriores.asp?edicao=67&cod_not=212), 2002.

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira . Consciência e Atividade: categoria fundamentais da psicologia sócio-histórica. In: BOCK, Ana, GONÇALVES, Maria da Graça e FURTADO, Odair. (org's) *Psicologia Sócio- Histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*. São Paulo: Cortez, p. 95-110, 2002.

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira e OZELLA, Sergio. Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 26, n. 2, 2006, P. 222-245.

ALMEIDA, José Maria de. *Os sindicatos e a luta contra a burocratização*. São Paulo: Sundermann, 2007.

ANTUNES, Ricardo. *O que é o sindicalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

BERNARDO, Marcia Hespanhol. *Discurso flexível, trabalho duro: o contraste entre o discurso de gestão empresarial e a vivência dos trabalhadores*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e do Trabalho) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006.

BOCK, Ana Maria. *A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano: a adolescência em questão*. *Cadernos Cedes*. Campinas. Vol. 24, n.62, pp. 26-43, abril 2004.

BORGES, Juliana de Melo. *Jovens Assentados: Projetos e Histórias de vida. Um estudo psicossociológico de um assentamento rural – São Domingos/RJ*. Dissertação (Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2004

BUSNARDO, Alice McCaffrey. Transformando no trabalho, luta operária e desenraizamento: a reestruturação produtiva no cotidiano e nas representações de trabalhadores metalúrgicos de uma empresa da região do ABC. *Caderno de Psicologia do Trabalho*. V. 6, p. 15-35, 2003.

COSTA, Jurandir Freire. Perspectivas da juventude na sociedade de mercado. In: NOVAES, Regina e VANUCHI (ORG'S), Paulo. *Juventude e Sociedade: Trabalho, Educação, Cultura e Participação*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, p. 75-88, 2004.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. Rio de Janeiro: *Rev. Brás. Educ*, n.24, PP.40-52, 2003.

DIAS, Maria Dionísia do Amaral. *A saúde de trabalhadores jovens como indicador psicossocial da dialética exclusão/inclusão. Estudos de Caso com Jovens Operárias em Indústrias de Confeccção*. Dissertação (Doutorado e, Psicologia Social)- Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica. São Paulo, 2007.

DOYLE, Clare. *França de 1968- Mês da Revolução: Lições da Greve Geral*. In: [http://sr-cio.org/index.php?option=com\\_content&view=article&id=366:franca-de-1968-mes-da-revolucao-lico-es-da-greve-geral&catid=51:publicações](http://sr-cio.org/index.php?option=com_content&view=article&id=366:franca-de-1968-mes-da-revolucao-lico-es-da-greve-geral&catid=51:publicações). 29/out/08

ENGELS, Friederich. *O Papel do Trabalho na Transformação do Macaco em Homem*. In: [HTTP://www.cddc.vt.edu/marxists/portugues/marx1876/misc/macaco\\_homem.htm](HTTP://www.cddc.vt.edu/marxists/portugues/marx1876/misc/macaco_homem.htm), acesso 13/abr/08

FARIZ, Marcos Moutta de. *Partido socialista ou partido dos trabalhadores?* Dissertação (Mestrado em História Comparada) – Faculdade de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2005.

FONTANA, Josep. *A história dos Homens*. São Paulo: EDUSC, 1931.

FREIRE, Vinicius Torres. A economia soterrou o sonho. In: *Jovem século 21. Folha de São Paulo*. 27 jul. 2008, p. 3

GONÇALVES, M. G e BOCK, Ana M. B. Indivíduo – sociedade: uma relação importante na psicologia social. In: BOCK, Ana (org) *A perspectiva sócio – histórica na formação em psicologia*. Rio de Janeiro: Vozes, p. 41-99, 2003.

GONZÁLES REY, Fernando L. *La Investigación Cualitativa en Psicología: Rumbos e desafios*. São Paulo: EDUC, 1999.

GROPPO, Luís Antonio. *Juventude: Ensaio sobre Sociologia e Histórias das Juventudes Modernas*. DIFEL, 2006.

HOBBSBAWN, Eric. *Sobre a História*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

IASI, Mauro Luis. *As metamorfoses da consciência de classe: O PT entre a negação e o consentimento*. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

KEHL, Maria Rita. "A juventude como sintoma da cultura". In: NOVAES, Regina e VANUCHI (ORG'S), Paulo. *Juventude e Sociedade: Trabalho, Educação, Cultura e Participação*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, p. 89-114, 2004.

LÊNIN, Vladimir. *Que fazer?*. São Paulo: HUCITEC, 1978.

MARX, Karl. *Manuscritos econômicos e filosóficos*. São Paulo: Martin Claret, 2003.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza. O processo de reestruturação produtiva e o jovem trabalhador: conhecimento e participação. In: *Tempo Social; Rev. Sociol. USP*, S. Paulo, 13(2): 61- 87, novembro de 2001.

MATTOS, Raimundo César de Oliveira. "A juventude operaria católica – visão de uma utopia". In: [br.geocities.com/job\\_site/visaodeumautopia.doc](http://br.geocities.com/job_site/visaodeumautopia.doc), s/d.

MENESES, Branca Maria de. *Juventude, Trabalho e Formação: Um estudo com jovens das camadas populares*. Dissertação (Doutorado em Psicologia Social) - Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica. São Paulo, 2007.

MESQUITA, Marcos Ribeiro. *Identidade, Cultura e Política: os movimentos estudantis na contemporaneidade*. Dissertação (Doutorado em Psicologia Social)- Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica. São Paulo, 2006.

NOGUEIRA, Claudia Mazzei. *O trabalho duplicado*. São Paulo, Expressão Popular: 2006.

OZELLA, Sergio. Pesquisar ou construir conhecimento: O ensino da pesquisa na abordagem sócio-histórica. In: BOCK, Ana (org) *A perspectiva sócio – histórica na formação em psicologia*. Rio de Janeiro: Vozes, p. 113-131, 2003.

OZELLA, Sergio e AGUIAR, Wanda. *Desmistificando a concepção de adolescência*. Cadernos de Pesquisa, vol. 38, n. 133, pp. 97-125, jan/abr. 2008

POERNER, Arthur. *O poder jovem*. Rio de Janeiro: Booklink, 2004.

POSTER, Mark. *Teoria crítica da família*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

ROLLI, Claudia e FERNANDES, Fátima. Empregos terceirizados crescem 127% em dez anos. *Folha de São Paulo*. São Paulo, Ago. 2006.

SALVA, Sueli e STECANELA, Nilda. *Diálogos sobre participação: o que dizem os jovens da região metropolitana de Porto Alegre Brasil*. Última década., dez. 2006, vol. 14, no. 25, p.165-183. ISSN 0718-2236.

SCHMIDT, João Pedro. *Juventude e política no Brasil: A socialização política dos jovens na virada do milênio*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2001.

SOARES, Pedro. IBGE aponta estagnação no mercado de trabalho. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 22 jun. 2007.

SOFIA, Juliana. Baixa qualificação puxa alta do emprego. *Folha de São Paulo*, 06 jan. 2008, p. B1

THERBORN, Göran. *A crise e o futuro do capitalismo*. In: Pós-neoliberalismo: As Políticas Sociais e o Estado Democrático. São Paulo: Paz e Terra, p. 39-62, 2007.

TROTSKY, Leon. "Proposta para a juventude". In: <http://www.pco.org.br/biblioteca/juventude/propostaparajuventude.htm>, acesso 12 /dez/ 2007.

VIGOTSKY, Lev Semenovitch. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

VIGOTSKY, Lev Semenovitch. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VIGOTSKY, Lev Semenovitch. (1930) " A transformação socialista do homem". In: <http://www.pstu.org.br>, aceso 12 /dez/ 2007.

ZANETTI, Hermes. *Juventude e Revolução*. Brasília, Edunb, 2001.

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, \_\_\_\_\_, portador(a) do RG: \_\_\_\_\_, declaro, por meio deste termo que concordei em ser entrevistado (a) na pesquisa de campo referente ao projeto de pesquisa intitulado “*O papel social transformador da juventude trabalhadora*”, desenvolvido na Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Fui informado (a), ainda, de que pesquisa é orientada pelo Prof. Sergio Ozella, a quem poderei contar a qualquer momento que julgar necessário traves do telefone numero 3670.8320 ou e-mail [psicopuc@pucsp.br](mailto:psicopuc@pucsp.br).

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso para o sucesso da pesquisa. Fui informado (a) dos objetivos estritamente acadêmicos de estudo, que , em linhas gerais é compreender o papel social transformador do jovem a partir da compreensão que os próprios jovens possuem de seu potencial de mudança.

Fui também esclarecido (a) de que os uso das informações por mim oferecidas estão submetidas às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde.

Minha colaboração se fará de forma anônima, por meio de entrevistas semi-estruturada a ser gravada a partir da assinatura desta autorização. O acesso e a análise dos dados coletados se fará apenas pela pesquisador e seu orientador.

Estou ciente de que, caso eu tenha Duvida ou me sinta prejudicado(a), poderei contatar o pesquisador responsável, ou ainda o Comitê de ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (CEP – PUC/SP), situado na Rua Ministro de Godoy, 969 – Térreo, Perdizes, São Paulo (SP), CEP: 05015-000, Telefone: 3670.8466.

A pesquisadora principal do estudo me ofertou uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme recomendações da Comissão Nacional de ética em Pesquisa (CONEP).

Fui ainda informado (a) de que posso me retirar dessa pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

São Paulo, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

Assinatura do (a) participante: \_\_\_\_\_

Assinatura da pesquisadora: \_\_\_\_\_

Assinatura do orientador: \_\_\_\_\_

## Entrevista – TCC

**Nome do sujeito:** Leo

**Idade:** 24 anos

**Profissão:** Operador de Telemarketing

### **Você pode me falar um pouco sobre você?**

Profissional?

#### **A princípio você como pessoa.**

Eu vim de um processo de auto-descoberta, se posso dizer assim. Até sobre a escolha da profissão esse tipo de situação. Quando eu era mais novo eu tinha muitas dúvidas do que fazer profissionalmente. Aí eu fui trabalhando e tentando descobrir o que era a minha praia, a minha vocação. Aí eu trabalhei em vários lugares, trabalhei em shopping também. Trabalho desde os 15 anos, comecei a trabalhar bastante por necessidade mesmo. Quando eu era mais novo tinha necessidade de consumir, coisas que meus pais não podiam me dar, foi meu primeiro emprego, com 15 anos. Aí eu conciliava o trabalho e a escola, eu fazia escola do estado, ensino médio, que na época era colegial ainda, fiz o ensino médio junto com o trabalho. O primeiro colegial eu repeti, por que eu chegava muito cansado, chegava a dormir na escola. Por conta de ter repetido eu resolvi ir para a escola particular, eu e meu pai pagávamos, eu fui fazer processamento de dados, eu tinha 16 anos. Fiz 3 anos sem gostar, por que eu não gostava. Essa escola era diferente, por ser particular tinha um apoio maior por parte dos professores e também era uma escola que incentivava que eu não repetisse, queriam que eu concluísse, aí eu não repeti mais.

#### **Você concluiu?**

Concluí os três anos.

#### **Por que você concluiu se você não gostava?**

Eu fui naquela necessidade de concluir o ensino médio, eu tinha aquela necessidade. Também, por que eu repeti um ano, aí eu fiquei chateado. Aí eu acabei fazendo um colegial técnico, profissionalizante. Não utilizei na minha vida. Eu tenho um conhecimento básico de computador, que eu utilizo. Eu utilizei assim, na minha vida, agora, para a escola, para a faculdade.

Depois eu fiquei um tempo sem fazer nada. Depois que eu terminei o técnico, ao mesmo tempo sai do trabalho não pude entrar na faculdade em seguida e fiquei um tempão sem fazer nada, super perdido.

#### **Quanto tempo?**

Uns dois anos sem fazer nada, sem trabalhar e estudar.

**Quantos anos você tinha?**

Uns 18.

**Então foi dos 18 ao 20?**

Sim. Eu fui viver mesmo, né? Uma par de coisas dessa idade, dessa fase, várias loucuras, passeava, viajava. Fazia de tudo, menos trabalhar e estudar. Mas, não era um opção, eu não tinha a visão ainda, eu não tinha visão própria e meus pais não tinham condições de me encaminhar, então eu fui vivendo.

**Encaminhar como?**

Assim, para entrar em uma faculdade, não podiam pagar.

**Mas eles te sustentavam?**

Sim, pagavam as contas. E na época eu não tinha visão, assim, eu vou arranjar um trabalho e pagar a faculdade. Na época eu não tinha idéia do que ia fazer. Aí passou o tempo, eu arranjei trabalho. Arranjei vários trabalhos que eu não ficava muito tempo, por que ou o salário era muito baixo, ou não pagavam direito, esses trabalhos informais, aí eu arranjei um trabalho no shopping, mas eu me sentia muito explorado, muito explorado mesmo. Aí também eu não fiquei, eu não agüentava.

**Quanto tempo você trabalhou no shopping?**

Foram seis meses.

**Como vendedor?**

Como vendedor, o máximo que eu agüentei foi isso, seis meses e mesmo assim era um clima de exploração. Eu sempre questionava, sempre na minha vida, mesmo que não tinha uma visão assim... ampla, a gente está constantemente tentando ter uma visão ampla.

Mas, eu sempre questionava, sempre, sempre questionava, não é possível que seja assim, não é possível. Até a realidade, eu questionava muito, sempre observando.

**O que é um clima de exploração?**

Por exemplo, a gerente da loja que eu trabalhava, era subordinada á dona de uma loja de uma rede de lojas e o comportamento era como se a loja fosse dela. Ela era bem autoritária, “você tem que falar deste jeito, você tem que mover desta maneira” e isso me irritava completamente, ainda mais que era um pouco mais novo, me irritava muito. Aí eu acabava ficando constrangido... e era assim uma imposição, não era “faz assim que é melhor”, normalmente com arrogância, esse tipo de situação. Até que um dia eu realmente ginguei a gerente, ginguei até a quinta geração dela e pedi as contas.

Aí depois eu fiquei sem estudar e eu tinha muita dificuldade de fazer alguma coisa, de ter uma rotina.

### **Como você sentia essa necessidade?**

Então, algo que me plantasse mais no chão, me desse mais base. Aí eu resolvi encarar um curso de enfermagem, por que não era caro, era rápido. Técnico, esses dias eu entendo bem esses cursos técnicos. Resolvi encarar esse curso de enfermagem, por que era interessante também, rápido, barato e também outra profissão, que podia ser a minha profissão.

### **Quanto tempo de duração?**

Dois anos. Aí entrei nesse curso, cursei também, tirava boas notas, era um ambiente que eu achava interessante, o hospital, mas até hoje eu me questiono se tenho preparo emocional para lidar com isso. Eu me questiono, então eu acho que não tenho preparo emocional, mas eu concluí também esse curso. Quando eu estava no técnico eu tive um módulo de psicologia e era com um professor de psicologia. E um tempo atrás, antes de entrar no técnico eu peguei um livro do Freud na biblioteca aí eu li o *“Mal estar na civilização”*. Eu não tinha conhecimento nenhum sobre psicanálise, nada, mas me chamou muita atenção, tudo bem que na época eu não entendia muitos conceitos, mas eu lia aquilo e entendia algumas coisas e pensava que tinha um sentido e pensava “quem é esse cara que todo mundo fala”. Aí no curso de enfermagem eu tive psicologia, aí eu pensei que ia fazer psicologia quando terminasse o curso. Aí comecei a falar com as minhas professoras e elas falavam “você vai fazer enfermagem?”, não vou fazer psicologia, “então o que você está fazendo aqui?”, “agora que eu comecei vou terminar”, só para não deixar no meio, e um dia quem sabe, eu tenho o diploma, um dia quem sabe eu vou fazer alguma coisa nessa área.

Foi o que eu fiz mesmo, terminei o curso de enfermagem e fui fazer psicologia. Quando eu comecei o curso foi uma das maiores sensações que eu tive em toda a minha vida. Em sala de aula a cada professor, quando eles começaram a falar sobre aquele assunto que eu tinha identificação, principalmente psicanálise, quando eu fui saber realmente quem foi Freud, o que ele fez e algumas coisinhas, alguma noção da teoria, aí eu me apaixonei mesmo, é realmente o meu projeto de vida, concluir a faculdade, tentar essa área ao máximo, vou morrer tentando fazer algo nessa área. Hoje em dia eu sei que não é algo que vai me deixar rico, não é uma profissão capitalista, aponto de eu enriquecer como alguém que faz ciências da computação. Eu sei que é uma matéria de humanas, não tem muito

campo de trabalho, mas para minha felicidade é isso que eu vou fazer o quanto eu puder eu pretendo continuar a carreira, capacitação, até morrer.

### **O porque que você acha que é voltado para a sua felicidade?**

Então esse tipo de conhecimento... eu fiz processamento de dados, computador, a linguagem de programação, bla bla bla, aquele negócio técnico, eu não gostava. Depois fui para a área da saúde, na enfermagem, as professoras, maioria professora, eu até tive professores, tem o contato com médico, um contato direto, elas tem a visão da medicina, da área da saúde. O foco é a doença e a evolução da doença, a evolução do paciente, tem a doença lá e você vai tratar o sintoma, você vai tratar as causas. Nesse curso mesmo que eu fiz, a minha função era, por exemplo, doença medicação e evolução do paciente, só, só isso, doença, tratamento, doença, tratamento, isso por dois anos, doença x tratamento tal, doença x tratamento tal. E não me supria uma anciã que eu tenho de ter um outro tipo de conhecimento. Aí quando eu cheguei na faculdade além do conhecimento do ser humano, tive antropologia, sociologia, até agora eu sinto que tenho uma visão maior. Hoje em dia eu entendo algumas coisas que quando eu trabalhava no shopping eu pensava “não entendo algumas coisas sobre o funcionamento do capitalismo”, não que eu seja um esperte, mas o curso da isso pra gente. Também, fala “funciona assim, a sociedade funciona dessa maneira” aí a gente fica fazendo uma ponte com as aulas de sociologia e antropologia, aí com esse conhecimento a gente para e pensa sobre a sociedade e, meu, da para entender o que que rola. Marx foi também um dos estudiosos que eu também gosto muito, por que ele explica o mecanismo e na verdade o que eu quero ainda trabalhar na psicologia é tentar sempre uma área social, é lutar contra isso, lutar contra todo esse mecanismo. A idéia é... é um pouco subjetivo, por que você tem a si mesmo para se trabalhar, você tem que... eu penso assim, eu tenho várias questões pessoais e individuais para serem entendidas, para serem trabalhadas e centralizadas, para que eu me sinta mais confortável no mundo e também projeta isso para virar algo para a sociedade, o bem estar individual e poder transmitir isso para o geral. Agora o foco eu estou trabalhando ainda, estou tentando estágio nessas áreas sociais, que é difícil. Até voltando um pouco para o telemarketing, né? É um emprego que eu estou por que garante o horário que é flexível, o horário é flexível e é um salário assim, vou dizer razoável, por que eu consigo bancar a faculdade, então é um salário razoável, não foi por falta de tentativa em outras áreas, entendeu? Sabe assim o melhorzinho que você conseguiu disponível.

### **Foi difícil conseguir emprego no telemarketing?**

Então, eu... como eu já tinha experiência, eu comecei a trabalhar no telemarketing em 2004, foi assim que eu entrei no curso de enfermagem, eu arrumei esse emprego justamente para continuar pagando.

**Era você quem pagava o curso de enfermagem?**

A minha mãe que pagava a enfermagem, ela começou pagando, aí eu arrumei esse trabalho e passei a bancar o curso de enfermagem. Aí em 2004 eu estava procurando emprego, procurando, assim o que viesse de melhor eu ia agarrar, na época.

**Você lembra aonde procurou emprego?**

No centro da cidade, nas agências de emprego, mandava currículo também, na internet, mas naquela época era menos, era mais agência de emprego mesmo.

**E qual categoria você pensou, além do telemarketing, você pensou em outra coisa?**

Tentei, tentei na área de escritório, auxiliar de escritório, auxiliar administrativo. Eu fugia de shopping, foi uma experiência traumatizante e como eu ainda não tinha trabalhado em telemarketing, estava procurando na área administrativa, e surgiu essa vaga, ainda não era para mim... era novo aí eu fui ver o que que era, tinha salário fixo benefícios, aí eu fui ver o que que era, para saber, para trabalhar. Aí entrei nessa empresa e fiquei dois anos, não, fiquei três anos.

**Que empresa que era?**

TMS Call Center. Fiquei três anos na empresa, eu trabalhava de madrugada, trabalhava da meia noite às seis da manhã, na época eu não gostava de levantar cedo e esse horário que foi ofertado pelo mercado eu peguei, por que eu queria mesmo, trabalhar a noite e dormir de dia, só que na verdade eu dormia durante o dia e acordava às 5 horas da tarde e ia para o curso e depois ia trabalhar e trabalhava até as seis da manhã e ia para a casa. Depois eu mudei o horário do curso, aí trabalhava a meia noite e ia pro curso de manhã, de reto do trabalho. Depois de uns dois anos eu não agüentava mais, parecia um zumbi, aí queria sair desse trabalho. Foi uma luta, também, por que eu não queria pedir as contas e eles não queriam me mandar embora, eu tive que forçar a barra, forcei a barra mesmo.

**O que é forçar a barra?**

Forçar um pouco é você deixar bem claro que se você não for mandado embora você vai ser um mal funcionário, e fazer isso realmente. Por que, só falar não adianta, os chefes dessa área fazem pouco caso, dizem não estou nem aí para você, eles não falam com essa palavras, mas eles falam assim, “da o seu jeito”. Agente se sente desafiado e acaba dando seu jeito. Muita gente faz isso, quando quer ser mandado da empresa, acaba utilizando esse recurso, falta, faz o trabalho mal feito, mas para ser mandado embora. Você chega no

seu chefe e diz “não quero mais trabalhar aqui”, a empresa ganha milhões com esse tipo de trabalho e não quer te pagar os seus direitos, que você trabalhou um pouquinho, eles negam isso. Agente acaba esse tipo de forçar a barra.

Aí eu consegui sair desse trabalho, aí inclusive eu com esse dinheiro eu banquei esses seis meses da faculdade, fiquei só estudando, a matrícula, com esse dinheiro eu banquei só o início da faculdade.

### **Você começou a estudar quando?**

Em 2007, eu fiquei sem por que eu tinha preocupação de acompanhar o ritmo, não posso ficar de DP, por que é caro. Mas, eu consegui me adaptar ao ritmo e depois de seis meses eu falei “não, agora eu já estou pronto e preciso trabalhar” o dinheiro estava acabando, o dinheiro que eu tinha conseguido da última empresa, “preciso trabalhar, preciso trabalhar”. Dessa vez eu não queria telemarketing, estava fugindo dessa área.

### **Por que estava fugindo?**

Por que eu já tinha essa experiência e achava, achava não, acho ainda, um trabalho muito mecânico, eu acho ainda um trabalho muito mecânico, muito robotizado, tudo que eu fugi a minha vida inteira... é robotizado o tipo de trabalho e... mecânico também, onde você vira um papagaio, você repete milhões de vezes a mesma coisa, todos os dias, é um procedimento... a gente também é testa de ferro para a empresa. Por exemplo, essa parte é muito interessante, você liga para a empresa, eu estou lá, na empresa e atendo você e aí você diz “eu tenho um problema x” e muitas vezes o procedimento da empresa é dizer “eu não posso fazer nada, sinto muito”, mas não dessa maneira, eu tenho que.. sou orientado a ludibria você, a cliente. Então, a orientação muitas vezes é falar sobre os benefícios, você liga lá com um problema x e eu mudo de assunto, literalmente, eu mudo de assunto, você fala do seu problema e eu falo dos benefícios que a empresa gera para você. Por que é testa de ferro, a pessoa esta lá querendo resolver um problema e você está lá dizendo que não pode fazer nada por ela.

### **Em nome da empresa?**

Em nome da empresa. Muitas vezes, com razão, as pessoas ficam furiosas com você... essa parte eu aprendi a administrar melhor porque eu sei que as pessoas tem razão e que a raiva delas, a fúria delas é com a empresa, tudo bem que não é fácil administrar isso, por que ali como ser humano quando a pessoa te ginga ... “isso aqui é uma porcaria!”, a pessoa desabafa ali na hora e dependendo do momento, no início eu sentia que era comigo o negócio e eu reagia instintivamente, as vezes, como por exemplo derrubando a ligação,

mas era o instinto mesmo, de que a coisa era comigo, a raiva vinha assim também... com o passar do tempo, hoje em dia eu tiro de letra.

**Você se sentia atacado?**

Eu me sentia atacado, mas depois com muita conversa, graças a Deus, também com a faculdade, que me ajudou muito com essas questões também. Hoje em dia eu entendo que é com a empresa, eu sou só um mediador. No início eu tive problema também com a empresa. De trabalhar na empresa e ser contra, contra o que é feito, contra o tipo de trabalho, o procedimento. Eu ainda tenho um pouco disso, de ser contra, mas hoje em dia eu me coloco como mediador mesmo, eu estou ali em função, também, do salário, do piso, eu preciso do salário e como agora eu trabalho em uma empresa que é muito grande eu sei que tem áreas que são ligadas à psicologia na própria empresa, que aí hoje em dia eu tento na própria empresa ir para essas áreas, que é treinamento e desenvolvimento, é um tipo de experiência que eu posso ter, não que seja também o meu objetivo.

**Você tenta aproveitar mais da empresa o que é mais próximo do que você quer fazer?**

É exatamente. Hoje em dia eu tenho mais essa visão, eu tive que para chegar mais perto das pessoas envolvidas, eu tive que ser mais assim... vestir, entre aspas, a camisa da empresa. Eu tive que fazer isso, por que eu tive que mostrar para eles que eu estou a fim, eu tenho que passar para eles que eu gosto de trabalhar lá, que eu quero trabalhar lá, não é fácil, não é fácil fazer isso, mas é uma forma de ter mais experiência, uma forma de fazer o salário aumentar, é uma maneira...

**E da para subir de cargo?**

Não é fácil, não é simples, não é simples, você tem que realmente fazer amizade, realmente fazer o que eles querem. Se a empresa esta pedindo um robô você tem que ser um robô para você ser bem visto pelos patrões, supervisores, a gente nunca tem contato direito com alguém grande. É engraçado, também essa parte, a gente é testa de ferro com o cliente, aí a gente tem os supervisores que são o testa de ferro da empresa e eles tem os gestores, e os gestores tem os gerentes que tem os diretores...

**Uma hierarquia.**

Exatamente, que sempre vai barrando a gente nunca ter o contato com o produto final, nunca tem. Também, tem essa parte, que eu falei para você, de falar muito a mesma coisa, para cada coisa é um atendimento, para cada coisa que você quer fazer é um setor específico, então é completamente dividido mesmo, separado. Se você quer desbloquear, estou falando sobre o meu serviço, que é com cartão de crédito, se você quer desbloquear

disque um, se você quer não sei o que disque dois, se você quer não sei o que disque três, é infinito.

### **Muito setorial, para dividir o trabalho.**

Isso, é a verdadeira divisão do trabalho. Aí você tem que mostrar o que eles querem, você tem que estar ali, muitas vezes você tem que fazer horas extras, você tem que trabalhar bastante com essa política deles de ser um trabalhador incansável, de ser uma máquina mesmo para você poder ter mais chance de fazer outras coisas na empresa, aí até existe a chance, aí você passa por um processo seletivo.

### **Como é esse processo?**

Geralmente é um processo seletivo interno.

### **É um processo seletivo entre as pessoas da empresa para saber quem vai ser supervisor...?**

Para ir para as outras áreas da empresa, aí tem esse ramo do call center, mas tem outras áreas, tem as pessoas que dão treinamento, as pessoas do financeiro, do planejamento, é grande mesmo. Tudo bem que eles mostram pouca pra gente. Mas, se você vai pesquisar você sabe que a dimensão da empresa é bem ampla, eles mostram sempre um pouquinho, olha e vê que tem uma coisinha. Se você faz amizade com seu chefe, por exemplo, ele vai te dando as coordenadas, “faz isso, faz aquilo”, mas se você vai e faz o seu trabalho, sem ter muito relacionamento na empresa, provavelmente você fique lá anos, por que também isso é interessante para eles, entendeu? Que... se a pessoa só vai, trabalha sem ter, tipo... fazer o trabalho dela todo dia e voltar para casa, mesmo que ela seja ótima, mas se ela não tiver relacionamento ela vai ficar ali por anos e fazer aquilo por anos.

### **Como que é esse relacionamento?**

Então, tem que ser algo de amizade mesmo, eu já percebi na empresa...

### **Então é mais a indicação, do que desempenho?**

É, indicação. Tem pessoas ótimas que tem que se vender mesmo, fazer uma propaganda de si mesmo, lá para os chefes...

### **Para ser valorizada?**

Para ser valorizada, tem pessoas que trabalham bem, de forma técnica, ela é valorizada para ficar lá, ótima, maravilhosa, ela vai ficar ali, gerando aquilo mesmo. Uma outra pessoa que pode não ser tão boa, mas que faz um marketing pessoal melhor, tem mais chance de fazer outra coisa.

### **E você gosta do seu trabalho?**

Olha, gostar eu não digo não, não gosto, não gosto. Muitas vezes ele me proporciona o que eu quero, para a vida pessoal. É uma relação financeira, por exemplo, essas fases que eu digo eu vou trabalhar... sem ter também nenhuma sensação, por exemplo. Essas fases que digo eu vou trabalhar por que... eu vou fazer bem o meu trabalho para pagar receber no final do mês e pagar as minhas contas. Nessas fases eu não reclamo, eu falo tá bom, tá bom, conformismo. Outras fases não, é meio oscilante mesmo, outras fases me revolta, “não quero mais, eu vou pedir as contas, se não conseguir outra coisa na empresa eu vou embora, mesmo”, em algum momento eu vou. Mas, teve alguns períodos desses de não querer mais trabalhar lá, mas realmente ter que ficar e de não ter no momento outra opção.

**Nesse momento que você fica mais incomodado, mais querendo sair, o que acontece, o que desencadeia essa situação?**

Acho que é um questionamento maior, um questionamento de qual o sentido do que eu estou fazendo, será que vale a pena, você se sujeitar a esse tipo de mecanismo desse tipo de trabalho. Geralmente quando eu questiono isso que me deixa mais vulnerável, até mesmo a perder o emprego, pôr que nessas fases se eu tenho oportunidade de conversar com o chefe, aí eu deixo claro para ele, “se você não estiver satisfeito pode me mandar embora”, esse tipo de situação, eu não tenho medo ainda de perder o emprego, eu não tenho medo, eu sei que tenho capacidade de conseguir outro emprego, mas muitas vezes pelo salário aí eu acabo pensando, repensando de ficar mais um pouco até conseguir uma coisa melhor, até sair fora.

**Então você acha que pode conseguir alguma coisa, mas ganhando menos que você ganha agora?**

Já teve caso, né? Por exemplo, me chamaram para trabalhar em um estágio na minha área... na faculdade de psicologia, lógico. Mas, para ganhar 200 reais a menos do que eu ganho, sem vale transporte, sem vale refeição, também, que eu tenho, eu tenho também licença médica. Por esse lado, de não poder cobrir... eu tenho que pagar a faculdade também, esse dinheiro ia me fazer muita falta, não teria como eu cobrir esse valor no momento, aí acabo adiando um pouco mais, acabo adiando um pouco mais, por conta do salário. Agora que eu estou tentando fazer outra coisa na empresa, pela necessidade também de crescimento, eu vou tentar realmente por um tempo fazer outra coisa dentro da empresa, se eu não conseguir vou sair de lá.

**Qual é a maior insatisfação com o emprego, nesses momentos que você quer sair?**

É muito ligado com o aspecto emocional, tem dias que você levanta que você não gostaria nem de conversar, imagine você ter que falar com... de 30<sup>a</sup> 50 pessoas que você não conhece que vai reclamar, que você tem que vestir a camisa da empresa e falar que aquilo é bom, às vezes nem achando que é bom, então nesses dias, são os dias que me trazem mais insatisfação e geralmente por não poder chegar na empresa e falar não estou bem..

### **A empresa não está preocupada com os seus problemas.**

Com a qualidade, a empresa quer produção, está preocupada com o lucro, se você está bem é problema seu, se você não está também o problema é seu. O máximo que da para fazer é quando você está muito debilitado, por que as vezes afeta a saúde, aí você vai no medico pega um atestado, é o máximo que da para fazer e fica em casa, e olhe lá se o medico achar mesmo que você está precisando, se ele achar que não você vai trabalhar também.

### **E esse dia é descontado, como funciona, você leva atestado?**

Se eu for trabalhar e de lá for no medico, por exemplo, se eu vou trabalhar, não estou bem vou no medico e ele me da atestado é abonado, se você não vai trabalhar e o medico te da o atestado do dia, aí também é abonado, mas é descontado o vale transporte e o vale refeição daquele dia. Mas, se você faltar sem o atestado é descontado com certeza. Tem um esquema de banco de horas, que eu não sei nem se é legal isso, legalmente falando, que se você falta você fica devendo as horas, não é descontado, mas você fica devendo as horas. Tem um esquema assim, então você pode fazer banco de horas.

### **Acumular as horas?**

É, tem hora extra, às vezes eles disponibilizam, se a pessoa quer fazer banco de horas, ela faz.

### **Voltando um pouco, quando você era criança, qual era as suas expectativas profissionais, quando você era criança o que queria fazer?**

Quando eu era criança, quando eu tinha um pouquinho mais de noção, meu tio tinha uma loja no shopping e ele me levou uma vez para trabalhar e eu gostava de mexer na máquina calculadora, eu gostava de mexer naquilo, sabe? Uma lembrança muito distante. Mas, eu gostava muito de cachorro, toda criança gosta disso, mas eu não tinha isso, não que eu lembre agora eu, “aí quando eu crescer...”

### **Uma coisa marcante?**

É, eu era mais solto, não tinha isso de... acho que muitas crianças tem um direcionamento, até pela posição dos pais, meus pais como não tinham posição fixa.

### **O que eles faziam?**

Minha mãe trabalhou uma época em uma metalúrgica, depois ela quis ser autônoma, cabeleireira, manicure, ou então vendedora.

**Ela sempre trabalhou?**

Sempre.

**Ela não ficava quase em casa?**

Ela ficou muito tempo em casa, cuidando do meu irmão, eu tenho um irmão mais novo, cuidando da gente, mas sempre com trabalhos informais. Meu pai muito tempo ele foi segurança, mas ele trabalhou e trabalha hoje na construção civil, ele trabalhou por muito tempo como pedreiro, aí ele aprendeu a trabalhar colocar pastilha em prédio, sabe piscina, que tem aqueles quadradinhos no chão?

**Ladrilho.**

Isso, aquilo chama pastilha. Aí meu pai aprendeu a fazer aquilo e pegou como profissão. Coloca em prédio, então ele fica pendurado (ri), pegou como profissão isso e trabalhou muitos anos e trabalha ainda, hoje em dia ele faz piscina, trabalha em casa, ele aprendeu a fazer desenhos também com isso e até hoje é uma renda. Eu, minha mãe sempre falava que eu tinha que estudar, eles não são daqui de São Paulo, meus pais são do nordeste.

**Você nasceu aqui?**

Nasci aqui.

**E viveu aqui sempre?**

Sim, eles vieram para São Paulo na época, que eles mesmos falam, que São Paulo era bom ainda (risos). Eles vieram em uma época boa, tinha muito trabalho, estava em crescimento. Aí eu nasci aqui, eu nasci já na selva de pedras. Aí minha mãe falava que eu tinha que estudar, estudar. Mas, estudar o que, por que hoje em dia me traz felicidade. Embora eu não seja feliz profissionalmente, não sou 100%. Mas, quando eu estou estudando fico feliz 100%, quando estou estudando, é a parte do dia que eu mais gosto, é de estudar.

**Quando você era adolescente, você não lembra de ter uma profissão que você desejou, você nunca tinha pensado em algo específico?**

Eu pensei muito, e ainda penso e fazer letras para virar professor de literatura. Mas aí, para fazer letras, tinha a parte da gramática e eu percebi quando eu lia livros de literatura, eu percebi que o que eu mais gostava era como o autor escrevia sobre o assunto, por exemplo os livros que mais me fascinava era do Machado de Assis, o que mais me fascinava era o diálogo, não a história em si. Ele escreveu umas coisas falando sobre comportamento, o Brás Cubas, lá, foi um dos primeiros livros dele que eu li. Aí fiquei

interessado nisso, pensei quero ser professor de letras, mas tinha gramática na letras (risos), aí eu falei não era isso ainda. Como eu te falei, eu sempre teve na cabeça que quer saber sempre quem era Freud, o que ele falava.

**Então, você acha que nessa época, dos 19 anos, você já tinha interesse por comportamento, Freud.**

Tinha, nessa fase adolescente eu sempre questionava muito, questionava muito, por que eu era de um jeito e as pessoas eram de outro (risos). É lógico que tem muitas teorias, muitas explicações, mas eu sempre queria saber, além da questão social, eu questionava muito, por que as pessoas eram assim e age assim, por que minha mãe é assim, por que meu pai é assim, por que meu amigo é assim. E essas dúvidas a gente vai carregando. Quando eu entre na psicologia eu fiquei mais aliviado. É claro que não pode dizer que lá é a fonte do saber de todo o universo.

**Você acha que você está procurando respostas e está ficando mais fácil de encontrar.**

Sim, cada vez mais.

**Você se dava bem com seus pais?**

Eu tive uma fase complicada, uma fase bem complicada.

**Quantos anos mais, ou menos.**

Na adolescência, mesmo, dos 16 até os 22, eu tive uma fase bem complicada. Meus pais se separaram quando eu tinha 18 anos.

**Hoje só mora você, sua mãe e seu irmão?**

Eu, minha mãe e meu irmão. Quando eu tinha 16 anos, estava naquela fase de descobrimento, experiências, aprender o que é vida, e você vai tendo experiências. É um processo de... não ser mais criança, de... o que é ser adulto, o que é isso também... não foi tranquilo para mim, não foi tranquilo, tive muitos impactos na vida, muitos impactos. Então, eu brigava com meus pais, mas era uma forma de revoltas, que nem era com eles, era essa fase de transição, medo, medo do diferente, e com o que eu me deparava fora de casa, o que a vida trás para a gente, experiência, então foi complicado para mim. Então, foi fase de brigar muito, mas eram fase que dava sempre para voltar a amenizar, ter um dialogo. Teve questões pessoais, com meu pai, ele durante muitos anos teve envolvimento com bebidas alcoólicas, eu também desde adolescente. É algo a mais para atrapalhar, a vida já é bem complicada e a gente complicava um pouquinho mais.

**O ser humano sempre consegui.**

Exatamente, exatamente. Meu pai teve uma fase bem difícil, até tomar uma decisão mesmo de... hoje ele não bebe mais, já há muitos anos, eu ainda estou no processo, estou

no processo das prioridades. Tem época que eu...por exemplo eu ainda me dou o direito de pensar foda-se tudo, não quero saber de nada... de ter alguma libertação... é ilusório, por que muitas vezes eu transfiro isso para a bebida alcoólica. É ilusório, mais é algo que... de repente depois que aquilo passa você pensa, alguma coisa aconteceu, alguma coisa aconteceu. Até levar a vida, um maneira de encarar a realidade, de maneira mais consciente, que não adianta também, se desligar, eu me sinto assim, ou oito ou oitenta, de chutar o balde mesmo, esse negócio de social, como é que é? De beber socialmente, para mim não existe muito, ou você bebe, ou não bebe. Então, eu estou entre a cruz e a espada ainda. Mas, eu encaro com naturalidade, com naturalidade, sou um ser humano em processo de desenvolvimento.

**Legal, você começou a trabalhar com 15 anos, o que você fazia?**

Trabalhei como Office boy, meu primeiro emprego.

**E quanto tempo?**

Três anos.

**Você gostava?**

Adorava, adorava. Eu fazia mais coisa dentro da empresa também, mas eu ficava muito na rua, Walkmen e na rua, o dia inteiro, aí eu gostava.

**E por que você saiu?**

É por que, depois dos três anos... tudo bem, que eu peguei uma par de bônus, dos 15 até os 18, mas depois dos três anos não é mais a idade apropriada, agora você não pode ser mais office boy. Foi uma experiência legal, muito legal, vivia aqui na Paulista.

**Por que você achou uma experiência legal.**

Eu era o mais novo da empresa, as pessoas eram mais velhas que eu, com uma diferença de idade grande, eu tinha 15, as pessoas tinha 25,30, 40. Minha chefe era muito legal, foi uma segunda mãe, durante 3 anos. Foi uma chefe direta e eu convivia muito com ela, e assim, gostava muito dela, nós nos dávamos muito bem, ela tinha filhos da minha idade, ela me tratava como um filho, também. E assim, as outras pessoas, as experiências que me passavam no dia a dia. Eu tinha muito responsabilidade na época.

**E isso não te incomodava?**

Me incomodava um pouco, por que... eu lembro que minha maior dificuldade era dormir pouco, eu dormia pouco, chegava em casa meia noite e tinha que levantar as 6, 6:30. Hoje em dia eu não sei o que aconteceu, por que eu tenho facilidade. Mas, eu lembro muito bem, que naquela época era horrível, era horrível eu tinha muito necessidade de dormir, parecia que eu carregava um ônibus .

**Você fala que tinha muito responsabilidade por que tinha que trabalhar e estudar, ou muito responsabilidade no trabalho?**

O trabalho era tranqüilo, era tranqüilo, era leva um documento ali, leva um documento ali. Fora o dinheiro que eu ganhava, as pessoas me davam gorjeta.

**Você trabalhava para comprara as coisa para você, você não ajudava em casa?**

Nessa época não, foi a época que eu falei pra você, que eu tinha necessidade de ter as minhas coisa, tênis caro, naquela época eu queria, ter um tênis de 200, reais, uma roupa cara, naquela época eu queria, era consumista.

**Depois você trabalhou no shopping?**

Depois eu trabalhei no shopping e mudou minha concepção. Foi até interessante, por que eu fiquei sabendo que muitas roupas vinham do Brás (risos) e só trocavam a etiqueta, né? É fascinante, eu fiquei assim, “nunca mais vou comprar uma jaqueta de mais de 100,00”, por que “eu vi, eu vi” e era uma loja razoável que eu trabalhava, de roupa masculina.

**Você saiu do emprego de Office boy e entrou no shopping?**

Não, eu fiquei um tempinho parado.

**E com quantos anos foi?**

19, 20, não eu fiquei dois anos sem trabalhar, eu tinha 21, mais ou menos no shopping, eu fiquei dois anos parado. E foi quando mudou bastante minha concepção, o tempo que eu trabalhei lá. Nessa mesma época que eu trabalhei no shopping, depois, eu tinha isso ainda um pouco, trabalhava e comprava coisa cara. Eu tinha bastante roupa cara acumulada. Aí, uma vez, eu fiz uma mala, coloquei quase todas as roupas e eu ia de madrugada, da casa da minha mãe para casa do meu pai e ,o que que aconteceu, eu fui roubado, eu lembro até que para mim foi uma passagem, foi um ritual. Quando levaram as minhas roupas, aquilo era meu, eu fazia as contas de quanto tinha na mala. Ai eu passei a usar o que sobrou e eu passei a gostar muito daquelas roupas velhas.

**Valorizar mais?**

Valorizar mais, aí eu acho que consegui a me libertar disso. Hoje por exemplo, se eu olho uma calça cara eu não tenho a menor vontade de ter.

**E antes você teria?**

Sim. Hoje em di eu vejo, às vezes até uma roupa bonita, mas não é algo mais... “eu vou ter”, não rola mais.

**Naquela época que você trabalhava no shopping, já era para pagar os estudos?**

Não, nessa época eu só trabalhava, mais para ter dinheiro.

**Você já tinha terminado o técnico?**

O processamento de dados já.

**E fora essas experiências você trabalhou com o que?**

Então, eu trabalhei em um consultório, que era um convênio odontológico, mas era um desses picaretas, que não pagavam... aliás, quando eu tinha 14 anos eu trabalhei durante dois meses e só carimbava cartas... aí depois nesse escritório odontológico que não pagavam direito eu fiquei só dois meses.

**Não pagavam para você direito?**

Não pagavam no dia certo, aí sai fora. Teve um outro de telemarketing, mas era ativo, tinha que ligar para as pessoas, nesse eu não fiquei nem dois dias, mas só isso mesmo, só isso. Por que eu fiquei 3 anos como Office boy, depois eu trabalhei no shopping pouco tempo, foram 6 meses. Mas, aí na outra empresa de call center eu fiquei 3 anos e agora nessa que eu estou agora vai fazer um ano, aí eu sempre fiquei períodos longos, nessas empresas.

**Você já participou de alguma associação organização, algum movimento?**

Então, eu faço parte de um movimento de faculdade, que tem desconto, 50% de desconto na faculdade. É um movimento assim... inclusive a gente está processando a faculdade, realmente são muitos jovens com interesse de estudar, a gente sabe que a universidade é picareta, é um banco, todo mundo sabe disso, mas é movimento é para a gente ter o acesso, que é difícil.

**Como chama o movimento mesmo?**

Associação dos trabalhadores sem terra, é um movimento mesmo muito grande, tem muita força, são 40 mil estudantes, só na universidade que eu estudo, mas são mais gente, para conseguir esse acesso a universidade. Também tem bem mais projeto. Tem o contato que eu tive com o Movimento da Juventude Trabalhadora. Eu ainda não sei as questões políticas. Eu adoto para mim que fazer psicologia é ter um posicionamento político, para mim. Agora, as questões de partidos políticos são assuntos que eu sou alienado, eu tenho medo de política.

**Medo como?**

Sempre assim, “vai começar horário eleitoral, desliga a televisão”. A burocracia, eu tenho aquele negócio, eu não sei por que exatamente, mas esse processo burocrático, eu tenho um tipo de aversão. Eu sei que os caminhos para os movimentos... eu faço parte de um movimento, mas que são... as pessoas cabeças tem outro tipo de foco, eles estão envolvidos nisso, nessa parte burocrática.

**Você considera um movimento político?**

Sim. Por que, eles tem um contato direto com a universidade. A universidade não foi coerente eles tacam um processo. Então, isso que é realmente exigir, ter uma exigência maior. Eu me sinto mesmo alienado. Tem a questão da falta de tempo, e um pouco de preguiça, eu não vou negar. Eu não vou negar que eu acho que da pra fazer mais, da para me engajar mais. Não só preguiça, existe. Eu dou muita prioridade para faculdade, muita, muita, muita mesmo, por que é a minha razão de viver, sabe? Nessa loucura toda, assim. Então, eu não posso ter risco de ter uma DP, por que não tenho condição de pagar. Então, eu não posso ter risco de ficar preso em um processo na faculdade. Por que, se você pega uma DP na Uninove, nessa faculdades particulares, se você pega uma DP o risco de você ficar preso, as pessoas acumulam DP e às vezes um curso de 5 anos pode se tornar 6, pode se tornar... e isso para mim é inadmissível. Eu só quero mesmo concluir o meu curso, até para me especializar em outro lugar, não na mesma universidade, fazer a especialização em outro lugares, eu só quero mesmo a graduação. Se vacilar até a graduação já existe, talvez, planos de eu concluir em outro lugar, trocar de faculdade. Então, essa prioridade que eu dou para a faculdade, eu posso dizer que é da minha vida é... o que eu posso fazer a prioridade é a faculdade. Aí, as outras coisas eu acabo deixando, eu acabo falando assim “ não posso, não posso, não posso”, eu dando prioridade para a faculdade.

**E como é esse pavor com a burocracia, como você pensa isso, você falou que essa associação que você faz parte, os cabeças cuidam da burocracia, como é que é?**

Então, eu não sei que período se tornou uma situação aversiva. Se tornou aversiva eu acho que por causa do horário eleitoral político. Eu lembro muito bem quando eu era criança, “aí vai começar o horário eleitoral político, desliga, desliga, troca”.

**Era um excesso de informações...?**

Eu não entendia nada, sempre nas escolas que eu estudei falava muito pouco de política, ou quase nada. Eu tive um ou outro professores que tinham um posicionamento político, foram raro, até tive. Um deles eu acho que até me marcou muito, era um professor de literatura e falava sobre o Marx. Inclusive eu acho que isso me marcou bastante. Mas, os outros professores não tinham posicionamento político. Eu me sinto muito alienado para esse lado da política, muito distante. Realmente..., sabe? As vezes eu penso é um mundo muito distante, muito inacessível. Lógico que tem dias que a gente acorda falando, “não, tem alguma função tem que existir, tem que...” Muitos dias eu acordo assim. Não sei... é algo um pouco difícil pra mim, um pouco difícil, como se algo distante, ou um pouco

chato, é uma mistura de sentimentos, uma mistura. É raro você conversar com alguém sobre política que realmente tenha um pensamento favorável, sabe?

**Favorável como?**

De possibilidades, possibilidade, sempre converso com as pessoas e as pessoas sempre acabam naquilo, “a é assim mesmo, nunca vai mudar”.

**Tem alguma idéia, tem alguma critica, mas não vislumbra como alterar?**

Exatamente, exatamente. Tipo assim, “nunca vai mudar, corrupção é desde que o mundo nasceu, a gente não tem como chegar perto, eles fazem o que querem, é uma bagunça” .

**E quando você acorda pensando que você tem que fazer alguma coisa, o que que passa na sua cabeça, qual possibilidade, o que poderia fazer?**

Então, até quando eu entrei em contato com o MJT, foi uma vez que eu acordei mesmo e... eu pensei em me unir a pessoas já que tivessem organização, alguma coisa assim. Como eu te falei, o processo, eu gostei muito do que eu ouvi, realmente existia aí uma movimentação. O que aconteceu comigo no processo, alias, foi essa coisa da faculdade, ou então sempre... quando eu ia entrar na política eu tenho um certo tipo de aversão, sabe? Eu “aí meu Deus, o que que é isso, o que que é ?”. Nem um.... é... como se eu não consigo construir na minha mente, essa parte do fazer política. Eu sei que eu tenho posições políticas na vida pessoal, o que eu vou fazer na profissão, são posicionamentos, também. Agora, praticar política, assim, eu acho complicado, eu acho realmente tem que ter um esforço muito grande, uma demanda, também, muito grande, a pessoa, ela vai ficar sujeita a stress, frustrações, decepções, você entende? Não só isso...

**A pessoa teria um grau de energia, de esforço muito grande?**

Exatamente.

**Me parece que... deixa eu ver se entendi o que você está colocando, que é uma coisa que é muito complicada, que precisa muitas informações, precisa de um acompanhamento grande, da sua parte, ou da parte de quem faz parte e é um campo tão amplo e tão complexo, que você se sente um pouco perdido e aí se jogar, para conseguir entender todas essas coisas, seria alguma coisa cansativo, ou que exige muito, ou também que...**

Sim, sim. Por exemplo, algo eu teria que adiar, por exemplo, algo que eu preciso fazer na faculdade e movimentar politicamente. É claro também que a sociedade não estimula muito. Eu levei isso até para a terapia uma vez, a minha terapeuta falou assim “nesse momento eu acho que essa parte você vai ter que descartar” (risos). Por que, eu estava muito cansado, muito reclamando, “trabalho, faculdade, aí eu quero me envolver

politicamente com alguma coisa, com o diretório acadêmico da faculdade”, ela falou “olha você vai ter que eliminar algumas coisas”, entendeu? A própria terapeuta, eu fiquei até um pouco assim com ela... Assim, por mais que eu... igual eu já falei para você, realmente eu tenho uma dificuldade, realmente eu acho que exige uma energia muito grande, mas eu sei que internamente, os meus pensamentos, eu ainda não desisti, eu sei que eu estou tentando encontrar uma forma de organização minha mesmo, de ter mais maturidade, eu sinto que tem uma parte minha pessoal que tem que ser muito trabalhada, mas eu ainda não desisti, sabe?

**Você acha que não é o momento? Que talvez você precise de um preparo emocional, e também, condições objetivas, para você ter uma atuação política, uma atuação mais prática de transformação.**

Exatamente, exatamente. Realmente eu não quero perder isso.

**Perder isso o que?**

Esse contato político, o que eu consegui de ter contato político. Esse ponto de transformação, reivindicação na verdade, eu acho que a gente não reivindica direito o tão óbvio. Eu acho que a gente não reivindica, é comodismo, é isso que eu não quero para a minha vida, é isso que eu não quero perder, eu não quero perder essa visão, eu não quero me acomodar, eu não quero esse tipo de comodismo para a minha vida. Então, eu pretendo mesmo me organizar o máximo possível para poder me engajar mesmo, em um determinado ponto da vida para poder me entregar e não desistir, eu não quero desistir mesmo, dessa parte, da sociedade. Muitas coisas sabe subjetivas, as vezes você conversa com alguém e a pessoa fala, sabe? As vezes, “aí, não vai dar em nada”, amigos mesmos. Essas coisas subjetivas as vezes também da uma parada, você realmente fala “será, será?”. Tem aquela balança, ou eu me entrego logo para o capitalismo e vivo logo essa coisa alucinante que é, mas eu realmente viva isso e incorpore isso, ou não, eu tenho que ou ser absorvido, ou lutar contra. Então, é uma balança difícil, é difícil porque o capitalismo é o que existe, é a realidade e lutar contra é a minoria. Então, eu acho mesmo que a energia que eu vou precisar, eu não vou poder me contentar com 50% eu vou precisar de 100%, eu vou precisar de toda a energia possível para fazer parte da minoria, então... Mas, eu ainda não desisti.

**O que você pensa sobre sindicato?**

É uma porcaria, eu sinceramente eu acho que é vendido, na minha opinião. Eu fui até o sindicato uma vez, dessa uma vez eu nunca mais voltei lá, não foi o que eu pensei.

**O que você pensou?**

Que realmente fosse ter um apoio efetivo.

**Que tipo de apoio?**

Uma extração mesmo, uma orientação verdadeira. Não senti firmeza, assim, não senti firmeza. É claro que foi uma primeira vez, talvez eu precisasse tentar entender melhor, tentar realmente ver o que é feito lá. Mas, eu penso que seja um pouco vendido.

**Mas você acha que poderia ser uma forma de reivindicar os direitos?**

Eu acho que poderia ser. Sempre que eu tenho de espelho assim, eu fico pensando nessa área metalúrgica, eles fizeram muita coisa, fizeram muita reivindicação. É que eu acho, que o pessoal do telemarketing e eu não posso me excluir totalmente, mas hoje em dia é uma alienação muito maior, muito maior mesmo.

**Muito maior que outras categorias?**

Muito maior que outras categorias e outras épocas. Eu já conversei com outras pessoas sobre esse tipo de situação e é uma coisa muito, muito distante, assim, sabe? As pessoas não tem nenhuma energia para poder reivindicar alguma coisa, é muito geral, assim, é muito.... uma alienação muito grande, muito grande. É questão assim, de tentar puxar assunto sobre isso, de conversar sobre isso e não dura mais que 5 minutos essa conversa, é impressionante.

**Porque você acha que as pessoas não tem esse interesse?**

Eu acho que é a falta de conhecimento, eu acho. Eu acho que.. por exemplo, realmente a gente se sente oprimido, os trabalhadores do telemarketing a gente acaba... eu já senti muitas vezes que aquele fio que liga a gente na máquina, naquele momento a gente está preso, como se fosse o cavalo preso no estábulo, nossa! É horrível pensar nisso.

**É desumanizador?**

Sim, sim. Você se sente mesmo um fio que está lá na sua cabeça ligado aquela máquina preso, como se fosse acorrentado e oprimido, eu acho que essa opressão dificulta das pessoas efetivarem alguma coisa, sabe? Inclusive são reclamações que acontecem entre amigos. Eu tenho uma amiga minha, uma amiga de lá, que a gente reclama muito, entendeu? Reclama, reclama, reclama, mas eu não consigo observar uma união, uma organização das pessoas para ir contra, mas em contra partida para muitas pessoas está OK, está OK.

**Existe uma insatisfação de muitos, mas existe também uma satisfação de que as coisas estão suficientes.**

Sim, e outras pessoas, muitas delas, eu também encaro como uma fase.

**Um trabalho transitório?**

Sim, “vou ficar aqui um tempo e depois vou embora, acabou, não gosto mesmo”. Eu por causa da idade, as vezes fico pensando em fazer outra coisa dentro da empresa, por que poderia fugir um pouco do que eu faço, de repente.. até me comunicar com mais pessoas, sair daquilo ali que estou fazendo. Mas se não der certo eu também em caro como um dia que eu chegue lá e... eu não faço mais nem questão de ser mandado embora, para você ter noção, eu peço as contas, sem remorso, sem... sabe? Sem nada.

**Valeu!**